

INTRA-UTERINO

Autora: Caroline Guimarães Gil

Intra-Uterino

INTRA-UTERINO

Caroline Guimarães Gil

INTRA-UTERINO

Esta obra possui registro na Biblioteca Nacional do Ministério da Cultura
(número do registro 466.122 - livro 877 folha - 361).

Portanto, todos os direitos reservados.

Você não pode copiar, exibir, distribuir, executar, criar obras derivadas nem
fazer uso comercial desta obra sem a devida permissão do autor.

1ª Edição
2009

Agradecimentos:

A todas as crianças que cresceram inevitavelmente.

Algumas em especial:

Rafaela Gil;

Adia Freitas;

Jair Júnior Monteiro Solin;

A meus pais: Ione M. R. G. Gil e Gregório Gil;

A minha irmã: Lissandra G. Gil.

Prólogo

Tudo o que havia no mundo existia ali dentro. Dentro de um círculo circunscrito nele mesmo, com uma pequenez tão estável e em equilíbrio sem qualquer esforço de resistir à tranqüilidade de simplesmente acontecer ou estar. Este redondo é dono da parceria: desorganizar-se e organizar-se. Um vácuo indefinido, ingênuo, servil e dócil que ternamente deixa o que lhe bate à porta entrar em sua profundidade, permite conhecê-lo densamente por dentro, recebendo-o com tamanha gratidão e tanta veemência, que o que entra é agora seu, e o que sai deixa de ser, e segue livremente, sem qualquer chantagem ou culpabilidade de antes compartilhar tão intimamente o que era seu, e que já não lhe pertence mais. Come pela boca do outro, sentindo-a somente sua, e embora tão sua, reconhece que é do outro; acaricia o outro como quem se penteia; comunica-se como quem fala dentro do banheiro, coisas tão íntimas e sigilosas, no entanto, ao mesmo tempo é de todos.

Essa cooperação proveniente da aceitação da ajuda simultânea se encontra inteiramente naquela simples chama purpúrea, que sorrindo, mesmo sem antes conhecer o que é sorrir, é feliz, e mesmo sem saber o gosto das palavras, diz-se bem. Sua pulsação jaz sem nenhum condicionamento, sem nenhuma agressão, e mesmo com discussão agressiva é considerado um consenso ingênuo.

Ali, onde cabe o mundo todo, é habitado pelo não e pelo sim, pelo que não viveu, pelo que ainda está por vir, pelo que respira e não respira, pelo que completa e incompleta, pelo que ama porque ele se ama; pelo que odeia porque ele se odeia quando se ausenta. Ali, onde o todo se justifica pelo simples fato de pulsar, pelo simples fato de estar, de ser um todo que se adentra e se expulsa, que se aceita com vivacidade.

O indefinido subitamente sussurra: quero ser, quero ser!

E foi... Tão bruscamente foi, que quando se viu entre todos os estilhaços, não se reconheceu mais como sendo um. Prontamente colérico briga pelo que é seu, mas que sempre foi, porém, confuso, olha o que não faz mais parte da sua massa corpórea e pensa que os restos que lhe sobram no chão é somente

do outro, e tão somente do outro que o cobiça imensamente, o abocanha e o quer de volta.

- E sou. Quem é?
- E sou também. Como pode ser?
- Sou porque você um dia quis ser.
- Então nada mais faz do que cumprir o que você também um dia quis.

Sem qualquer compreensão definida, embora agora definidos, esses iniciam uma percepção incompleta de entender que o outro também possui a vaidade de ser: a beleza de ser complexo e achar-se que se é somente seu e que o incômodo dentro de si poderá ser explicado unicamente pelo próprio indivíduo que desfruta do tormento.

Esse conhecimento milenar e primário lhes causa um ego turbulento, ambíguo e uma inveja de saber que o outro também possui sua complicação, de que o outro usufrui o mesmo milagre, pois se esqueceram que todos os aborrecimentos são, apenas, uma única charada.

Juntamente com a criação do ego veio o prazer e a dor de ser alguém que a partir de – hoje – dará satisfações a si mesmo pelas

suas descobertas íngremes e suas desordens frouxas, pois lhe carece o que outro tem.

– Como? Você também?

– Também sou o que vê, mas não sou unicamente o que vê.

– Sou completo, por não depender de você?

– Preciso de vocês, sinto uma ausência arrebatadora... Parece-me que me falto... Parece-me que me falto...

– De fato, todos se precisam, fiquem onde estão.

– Não vou permanecer. Quero ser independente. Sou rei de mim agora, não necessito de seus pulmões, tenho pernas e um coração.

– Tens tudo o que tenho, mas também lhe falta o que não tenho.

– Por isso mesmo que sou.

Principia o anseio em compartilhar o fato de ser único a outro algo que não seja, a ambição de mostrar o existir a alguma coisa que não lhe tenha. Esses desejos são mais agudos na segunda massa corpórea, que se vê desprendida, espalhando-se mais do que

se contém, que se ama e se odeia de uma forma tão involuntária, pois ali naquele pequeno pedaço que lhe restou havia ficado a revolta e a vontade delirante em ser imediatamente exclusivo.

– Ele foi... Eu fui... Ele foi... Oh...

A terceira massa lamenta intensamente e não faz outra coisa a não ser correr contra e de encontro a si mesma, que nada mais é do que a não-ação. Esse corpo que soluça no chão, mesmo vendo-se com pernas e braços, não sabe o que se faz com aquilo. Respira cansado e aos prantos, como quem foi sem que alguém lhe pedisse antes, como quem foi sem antes querer ser alguma coisa, e que geme melancolicamente por ser sem qualquer preparo, que sente o desconforto e o pudor em agora se agüentar sozinho, em ouvir sua voz e não entender de que lugar sai, em ver seus movimentos sobre o chão e não ligá-los como sendo somente seus, em precisar ser comandado ininterruptamente para não ter o comprometimento do que vier a ser.

– Sou só... Sou só! Sou eu, e sou só! Sou e sou só!

– Não entendo o porquê de ele ir.

Quando as ações interiores, que antes eram guardadas, passam a se revelar, no quase cenário, quando elas começam a serem concluídas, o não entendimento lhes sobressai.

– Antes poderia entender o que ele entendia. Agora sou o pedaço que ele não tem. Como posso?

– O que é isso que sinto? O que é isso que sai de dentro dessa fenda? O que é isso que eu vejo?

– Isso é o a que daremos nomes.

– Dê-me logo um nome porque parece que vou... Parece que vou para algum lugar aonde perderei todos vocês... Parece que me perderei se não me derem um nome logo.

– Minha. Seu nome é Minha.

– Minha gosta de ser Minha. Vem prá perto de Minha. Quero o que fui. – Não quero isso. Não quero. Quem iniciou tudo isso?

– Foi o Eu, que agora são MUITOS.

– Mas se o Eu começou tudo isso, mande-o parar, vamos retomar ao que antes fomos.

– O Eu te encaminhou até aqui, Minha.

– Meu. Meu você deixou-se. Você vendeu-se por tão pouco. E aquele quem era?

– Era Nosso e se foi.

- Nosso, porque era tão irrequieto?
- Nosso nunca quis ser o que ele é. Sempre quis ser Seu.
- E Seu, quem é?
- Alguma coisa que faz parte de Mim.
- Se o que era Nosso se foi, então Nos abandonamos?
- Não, Nos ainda está ali em pé olhando para além dele mesmo, calado devido grande deslumbramento.

A vigilância de si mesmos partiu, pois tudo o que restou é o que se vê por fora, e isso é muito pouco para o que antes eles eram. Um entendimento muito limitado para o que antes eles compreendiam impecavelmente.

Antes de nascer, o definido nada era, e tudo era coisa alguma.

A consciência corporal inexistente em todos eles se torna a pureza em pessoa, que chega a ser a perfeição, pois, nesse êxtase totalmente inovador, a quarta massa, que contempla o horizonte, olha para as suas mãos e chora de prazer, sentindo tamanha vontade de se unir com o horizonte, de poder resgatá-lo com os dedos da mão e colocá-lo no bolso da calça.

– O que restou quando sou?

De ímpeto, a primeira massa, que já se adaptou com suas pernas e braços, começou a andar a esmo, como se fosse uma brincadeira diferente que nunca havia experimentado antes e foi para tão longe, que os outros puderam ver somente suas pegadas no chão.

– O que acontecerá com Muitos?

– Muitos querem ser.

– Minha não quer.

– É, não quero ser.

– Eu entendi!

– O que foi, Nós?

Parou de olhar a colina e voltou correndo, meio desengonçado, dentre a grama.

– Por segundos, eu o entendi. Estava ali, olhando aquilo. E entendi o Nosso. Pude sentir o que antes eu sentia quando o Eu existia. Mas agora, parece que me foi. Parece que já esqueci o que entendia, não é estranho?

– Como? Um aprendizado que lhe deu bom dia e boa noite?

– É. Um aprendizado que me veio tão bonito, e que foi tão fácil.

– Como se chama o EU?

- Ho-sa-na!

Não se tem muito para onde ir, quando não se sabe quem é, e muito menos quando se é sem nunca ter sido antes.

- Ho-sa-na!

CAPÍTULO 1

— **V**ocê nasceu. Aqui está sua cartela de personalidades possíveis. Aqui estão as prováveis doenças que poderá ter que afrontar, e junto, você ganhará um kit-vida.

- O que é isso?

- Poderá consultá-lo sempre que se sentir equivocado ou acovardado. O kit-vida tem por finalidade restaurar sua devida programação, não o deixando se afugentar da sua concepção.

- Mas, vem cá, eu sou?

- Se é!

Pensativa, averigua seu kit-vida nas mãos.

- Mas, vem cá, toda essa responsabilidade é só minha?

Ninguém lhe avisa antes, e mesmo assim você vem ao mundo. Quando você reconhece o que é – e com o passar do tempo irá chegar à conclusão de que não sabe quem realmente é - percebe o quão inconsciente você viveu. Como uma televisão ligada no automático. “Mas, vem cá, eu sou?” “Se é!”. Felicidade. Sou eu quem me dou de comer, sou filha da minha carne, sou ídolo do meu corpo, sou rainha de meus territórios, senhora dos meus sonhos, criadora das minhas credices e pateticas, eu sou meu! “Que presente!”. “Mas, vem cá, toda essa responsabilidade é minha?”

A história que irei contar pode parecer absurda, até porque a história parte de uma idéia que é metade fantasiosa e metade realística. Não é como nos contos de fada, minha personagem principal, não possui poderes mágicos, nem varinha de condão. É uma senhora já crescida, e embora grande sintase pequenina, como quem acabou de nascer. Não há príncipes, pois minha donzela já é casada, embora se sinta tão sozinha.

Não me recordo muito bem, como nasceu Hosana. Mas ela tinha os olhos grandes e negros, observadores, assustados. “Isso é vida? Coloca-me de volta, criei expectativas de mais, me frustrei, quero voltar”. Ou melhor, “Coloca-me de volta, pintei

o mundo errado antes de vir para cá, vou redesenhá-lo”. Sim, Hosana tinha essa vontade de ser Deus. Imagine a chance de escolher; antes de nascer, você saberá tudo o que acontecerá na sua vida, e as possibilidades de rumo que ela seguirá, teria a chance de escolher, se quer mesmo enfrentar tudo isso. “Acho que vou ficar por aqui mesmo”. Não se contenta com pouco, embora não saiba viver com muito. Sua história, começa mais ou menos igual a de todo mundo...

As palpitações da senhora Brigitte deram início a partir das seis horas. Embora sentisse uma grande aflição, Brigitte não pronunciava qualquer ruído de dor e sentia-se vulgar sentada naquela cadeira, recolhendo as pernas, como se tentasse engolir o filho de volta.

Doutor Geraldo, bigode discretamente na face e olhar feito jabuticaba, entrou na sala de espera, com as mãos no bolso do jaleco. Seu olhar não possuía qualquer direção, por esse motivo rodeava a sala de espera, cujo ambiente estava lotado, em busca do cônjuge de Brigitte.

– (...) Não há jeito.

– Como?! A criança tem que sair! O senhor é médico!
Trate de retirar essa criança.

– Mas, ela não quer...

– Como assim, ela não quer?! Não seja estúpido! Edgar apontava brutalmente o dedo para o doutor, jogando o cigarro que estava na mão esquerda no lixo, ao lado do sofá de espera:

– E ainda me disseram que era o melhor médico da redondeza!

– Nunca vi tamanho enigma para retirar uma criança antes (...) nunca tive esta dificuldade! – Geraldo falava indignado.

– Se a criança não sair, minha esposa irá morrer. Se for assim, mate a criança e preserve a vida de minha mulher. Edgar dava tapas na máquina de café. Essa criança não quer ver o mundo? Então vamos entregar o mundo para ela!

“Que tempo!”. Aconchegou-se ao leito da cama, procurando aqueles braços fartos de acolhimento, e quentes como cobertor para o tempo frio. Não encontrara. Este sono, que convergia para o escurinho confortante do quarto, aquele silêncio absoluto, persuadindo milimetricamente as pálpebras dos olhos já enraizados, enxergava pontos de luzes pelo quarto. Um corpo que não havia devorado totalmente o dia, e deixara restos pelo prato.

– Mas não posso, por lei, fazer uma coisa dessas. Geraldo retira com facilidade um copo de café para Edgar e o entrega. - Ela não possui nenhum tipo de problema físico, e sua esposa está em perfeito estado.

– Como assim? Ela não irá passar mal, caso a criança permaneça?

O doutor voltou as mãos para o bolso do jaleco, seus olhos atônitos e confusos pousaram no quadro da parede atrás do sofá, cuja imagem que afigurava era a barriga de uma mãe e o feto. Da cabeça mal constituída do embrião, saía um balão escrito: obrigada (o) por me dar vida. Estreitando os olhos disse:

– Em toda a minha vida... Eu nunca...

– O que doutor?

– Eu nunca vi algo parecido. É como se a criança...

“Sem tempero”, balbuciou dentre as cobertas, que as afagavam como o útero de uma mãe. Um vermelhinho confortante. Aqueles lábios com preguiça de ser. E são. Uma

montanha de cobertores repletos de aconchego. E aquela lentidão em fechá-los. A demora do dia conservando. O dia andou espreitando a janela de seu quarto. Vagaroso. Olhou-a, com total elevação, congelou o dia numa infundável noite, de tão bela que dormia. Aquele silêncio ocupando o cargo de quarto.

Os olhos do futuro pai se levantaram, o suor escorria pelo canto direito do rosto, e as lágrimas percorriam a face como se estivessem com medo do próprio rosto.

– Até... Sempre...

Apesar do incômodo, não deixava nenhum som perpassar sua garganta e dizer: “eu vivo”.

– E o que ela diz disso? – disse Éster, irmã de Brigitte, chegando à sala de espera com seu casaco de chuva cristalino.

– Diz o que toda mãe diria: não matem o filho – responde Edgar, enfurecido, observando o funcionamento da máquina de café.

“Se ela não eliminar essa criança, o que acontecerá?” – soava em sua cabeça a voz cínica e impertinente da última frase

dita pela sua cunhada. Em meio a seus pensamentos, concluía que duas coisas nunca poderia compreender: como uma mulher consegue demonstrar uma falsa preocupação e como funcionava a máquina de café da sala de espera. Não poderia continuar ouvindo aquelas lamúrias levianas. Sendo assim, abandonou o hospital o mais rápido possível, para poder jantar em paz em qualquer lugar que não possuísse essa faceta iminente de uma mulher.

“O que as pessoas pensariam de nossa família?”, refletia Edgar, irritado e cabisbaixo, ao atravessar a Rua Almeida, depois de ter ido à farmácia. Em todas as ruas, as pessoas o olhavam curiosamente. “Todos uns bisbilhoteiros malditos!” – concluiu em meio a seus pensamentos, chutando uma pedrinha perto do meio-fio.

Tenha uma bela noite, senhor Edgar! – disse a senhora Francisca ao voltar da padaria com duas sacolas nas mãos, contente como toda a mulher que acaba de ser noiva.

“Cheiro de comida pela casa, crianças brincando e meu marido a me esperar, não vejo a hora de vê-lo” – cogitava ela sorrindo discretamente, sem mostrar os dentes, e acelerando o passo. Edgar, aborrecido, não respondeu, chutou uma nova

pedrinha que se encontrava em seu caminho e seguiu em direção ao hospital.

CAPÍTULO 2

As luvas brancas estavam postas, passaram-lhe o bisturi.

O rosto da esposa coberto pelo tecido azul esverdeado. A faca sobre a barriga, o suspiro dos enfermeiros, os olhos assustados do médico, a inquietude do esposo lá fora sentado e fumando seu cigarro ao som da Sonata ao luar. O corre-corre das secretárias na recepção atendendo, de tempo em tempo, o telefone que não parava de tocar.

– Eu nunca... – disse mais uma vez o médico, assombrado e sem célebres falas e explicações.

Abriu-a.

A criança estava encolhida, com os braços perto do corpo, ainda desejando ser um feto, uma célula, ou algo parecido. Queria voltar para onde sempre esteve, que era o não-nascer e também o não-morrer. O médico, então, pegou os pés da criança e foi puxando aos poucos, até que ela foi totalmente retirada. A criança não berrou, mas realmente chorou. As lágrimas saíram dos olhos, como quem conhecesse o desalento, antes mesmo de vir ao mundo. Como se conhecesse a dor, antes mesmo de senti-la.

Ela havia sentido o suficiente.

– Nasceu? – Disse o marido, agarrando os braços do doutor, que chegou chocado à recepção.

– Nasceu...

– Porque não ouvimos os berros? Ela tem uma doença, não é mesmo? – falou Edgar, imaginando o que as pessoas diriam da filha.

– Não, ela é perfeita. Está perfeita. Está chorando no berçário. Quer ir vê-la?

– Chorando? Então por que não a ouvimos? Como está chorando?

– Ela chora com lágrimas.

Foi a última frase do doutor Elizeu, quando a colocaram no carro de volta para casa. A mãe permanecia com o rosto fixo num ponto à frente, muda. Nem mesmo Edgar poderia compreender. “Se ela é perfeita, tudo ficará bem, nenhuma pessoa poderá falar algo de ruim”. Sereno, ia discorrendo o futuro de uma família que surgia. As pessoas poderiam ter inveja da habilidade da mãe para cuidar da filha, do esposo bem arrumado indo ao trabalho. O jantar na mesa, Brigitte dando-lhe um beijo antes de oferecer uma bebida. Ela não falou com ele, e muito menos ele com ela.

CAPÍTULO 3

Hosana preferia observar o mundo, e tudo que via relatava numa caderneta laranja, com espiral preto, que sua mãe comprara aos sete anos.

Aquele dia escreveu sobre o arco-íris. Fora a primeira vez que o vira...

“Eu pude ver o colorido hoje. Ele apontava para algum lugar que talvez fosse aonde eu deva chegar. Entretanto, nascia não sei de onde, pois era impossível de se medir. Era largo e cheio de cores diferentes. Tenho a impressão de que ele me pedia para segui-lo. Quando cheguei a um lugar muito sombrio, um rapaz de barba ligou para meus pais e disse que eu não podia sair para tão longe... Eu devia obedecer. Talvez fosse lá aonde eu devia chegar, e por que todos não me deixam ir? Foi então que encontrei um rapazinho, no meio da estrada de ferro,

quando voltava para casa. E, curiosa, perguntei onde nascia aquele colorido. Ele me dissera que seu nome era Álvaro, e que ele também estava indo para lá, quando o rapaz de barba ligou para os pais, e dissera a mesma coisa que disse para mim. Então, voltamos juntos para casa. Ele era um tanto mais alto que eu. Estava muito bem arrumado e parecia ser de uma família que tinha bastante arco-íris dentro de casa. Eu disse, então, que precisava encontrar onde nascia o arco-íris, para que pudesse voltar para casa. Então, ele me disse que ficava atrás de uma colina... Atrás de uma colina.”

E os dias partiam de uma escrita na caderneta, que realizava todos os dias, sem faltar nenhum. Com exceção, de um dia...

–Papai, o senhor viu minha caderneta?

– Eu joguei fora.

Berrava Hosana, correndo para cima do pai e repuxando os cabelos, pois tinha um instinto homicida certas vezes. Pensou em matá-lo, contudo era pequena demais para perpetrar este ato.

Mudaram-se para a fazenda, a pedido da esposa. A vizinhança não era muito agradável, porém a filha sempre adorava montanhas e ficar perto da natureza.

– Mãe, não se preocupe, espere-me crescer mais e então matarei o papai.

– Não diga isso querida! Seu pai nunca faria uma coisa dessas.

– Mas ele já fez.

A mãe, então, chorou mais do que devia e abraçou forte sua filha.

– Mãe, se você me engolir eu volto para sua barriga?

– Claro que não! Que idéia maluca!

– Mas tudo que se come, não vai pra lá?

– Que idéia! Vamos, vá tomar um banho!

Hosana parou para enxergar a oscilação que o vento fazia na grama. Sentia seu coração apertar de dor, sem saber o motivo. Correu para sua casa e abriu a porta, mas estava vazia. Não havia ninguém, no entanto podia ouvir uma lamentação

vinda dos fundos. Na árvore que mais amava... e subia todos os dias, se encontrava uma corda...

“... Ela então me contou uma história de que o mundo um dia acabaria. E eu fiquei rindo, dizendo que era impossível, porque no outro dia ele nasceria de volta. Era até bom, porque voltaria para onde sempre estive... De onde sempre veio...”

CAPÍTULO 4

“Substancial”. Amanhã seria um dia. Depois de amanhã, seria outro dia... que permaneceria o próprio dia. Só que, uma cor individualizada.

Tocou o dia. Aqueles lábios quentes e labiosos abraçaram-se com Morfeu. Adormeceu, trocando idéias fúteis e curtas consigo. Uma brevidade tão breve, mas perceptiva, porém esquecida. Aqueles ditados vagos que nos vêm, anterior a uma sonolência. O dia resumido em palavras, e imagens desconexas, abreviações de pensamentos. Uma sinopse. “Qual seria o auge?”. Aquele finzinho remunerável, capaz de secundariar os conflitos, e distender tentáculos das origens, dispersas. Tão dispersas. A sonolência...

A vida lá fora se transbordava em águas, um perfume que motiva a existência de uma companhia. Aquelas companhias que transformam qualquer hora em resumo de um dia. Qualquer que fosse a solidão teria gostinho de aroma cultivado no ombro. Pele

exposta ao sol seria um romance. O dia estava se declarando às vidas. A estação do ano, poética.

Um cristalzinho afoito, cintilante, adentrou serenamente pela vidraça entreaberta do quarto. Circulou pelas grades que cercavam a janela e, não resistindo à sua curiosidade, imergiu silenciosamente, e pousou na face. Os olhos se abriram, num espanto afável. Levantou-se e fechou a vidraça. Mas sempre deixara o acortinado aberto, para figurar tudo como num quadro. O vento que golpeava a janela indagava os motivos. E os mesmos motivos questionados por ela.

– Ho-sa-na!

A vidraça silenciou, abriu-se a porta.

–Estão a te esperar há séculos lá em baixo. Tem certeza que não quer descer? Estava repousando? (...) Perdoe-me, não sabia, eu...

– Não há porque se desculpar, Lázaro. E eu estou excelente. Estava alongando meus pensamentos para uma distração. Eu sempre faço isso, divagando para nada. E hoje está um dia de renovação. Percebe?

Com dificuldades, consegue assentar-se na cama.

– Anda cansada. E eu bem que sabia. Mas não pude deixar de vir. Há uma multidão, esperando-a. Dizem que carecem por uma palavra sua.

– Eles se carecem, Lázaro. Sentem pena de mim. Unicamente.

– Sabe que o que diz não é fato.

– O que é fato, senão episódios?

– Certamente. Deixe-me ajudá-la, quer que eu traga o jantar, ao menos?

– Não, muito obrigada. Hoje, de tarde, me nutri o suficiente para uma semana inteira. Estou farta.

– Como queira. Então estou indo, se precisar de alguma...

– Coisas. Certamente que não. Vá!

Fechou-se a porta. A maçaneta perguntou-se motivos.

Ela estava num dia claro, apesar de tamanho crepúsculo. Hosana conseguiu alcançar a janela, e ficou absorta, pensando em como as pessoas são formigas. Com uma pisada e...

Abriu-se a porta.

– Sou eu, Lísia.

– Claro. Fique à vontade, só não o bastante, que não te dei tal permissão.

Lísia era dotada de um aspecto ignóbil, seu nariz era extremamente apurado, e sua bochecha altiva, e proferindo que poderia sorrir a qualquer instante. Era esta superficialidade de felicidade estampada, mesmo sem estar feliz, que repugnava. Alcançou seus óculos, e seu olhar pestanejou um momento pelo local. Sentou-se sem ser convidada.

– Que bom que esteja presente na festa, fico tão contente!

– Não estou, Lísia.

– Como não está? Ora, precisa repousar, mas sabe que sua presença é muito mais chamativa do que a minha em qualquer local.

– Creio eu que...

Olhou a vidraça outra vez e preferiu não contrapor, nem respingar com versos. Era patético. Discutir com uma jovem tão perspicaz. Lembrou-se da sua juventude, e sentiu-se idosa. As festas de família só lhe serviam para ameaçar. A idade era algo irreprimível.

– (...) E Álvaro?

Virou-se assustada, como quando uma gota toca a face sorridente, enquanto se dorme. Encarou-a nos olhos, e mesmo que pudesse desviar-se, os olhos azuis a faziam se sentir submersa, e os seus já cândidos, quase que um barco fora da normalidade. Agressiva. O tapa veio com a atmosfera, aceitava-o. Recebia-o. Sem censura. Correu o barco pelo oceano e pousou-o sobre a ave que planava brandamente, cansada de pulsar as asas para seguir voando. Deixava o ar arremessá-la sem endereço.

– (...) Deve estar cansada, quer que eu traga algo para comer?

Ela rufou antes.

Abriu os lábios para contestar, mas não conseguiu. Sentiu-se cansada, como todos diziam, não queria pulsar suas asas. Somente piou. Alto. Como que num grito de remissão. Mas mesmo que elevado, foi pouco.

Fechou-se a porta.

– Álvaro...

Tentou contornar o silêncio, mas o desânimo foi acima. As lágrimas manavam depressa e calmamente, brincos-de-princesa. Os brincos-de-princesa, que namorariam orelhas, mas ordenadas,

capazes de ouvir as certezaas. Desabou sobre o leito em lamúrias, olhou para a janela como se fosse uma cruz. E pediu para que o martírio não tivesse princípio.

Abriu-se a porta.

– Hosana, o que houve? Levante-se!

Correu e colocou-a sobre a cama, ainda olhando para a janela, estirada, afoita.

– Álvaro.

– Quem?

– Lísia esteve neste quarto.

– O que ela queria, minha querida?

– Fazer-me ruir em lágrimas e prantos! Bem que sabia, deverá estar em prantos. Ela me traz moléstia, por céus! Ela me enlouquece, Rafael. É como uma arapuca para um urso. Ou estou vendo o apocalipse. Ela é canibal, ela está abocanhando nossa família! E eu me rendendo, me rendendo!

– Acalme-se, por favor. Não se extrapole, ela não quer te ver doente.

Mexia os braços e pernas agressivamente, enquanto Rafael tentava mantê-los pacíficos.

– Deixe-me, Rafael! Deixe-me! Ela me perguntou sobre Álvaro, como pode? Que agudeza, aquele abutre!

A sala se fechou como o dia permitindo a noite adentrar.

Respirou. Deixou o ar viajar. Respirou. Deixou o ar viajar. Respirou... Respirou... Respirou... Não vá! Não quero que o ar embarque. Creio que não encontrará pulmões mais saudáveis que os meus. Respirar se tornou uma despedida teatral. Não vá! Tudo que tenho de mais meu é o ar, e, se ele for, terei então me borrado. Mas estarei vivamente morta. Meu egocentrismo quer o ar do mundo pra mim. Estou exausta, e procuro o mundo-com-ar. Queria poder ser, e sou. Só não sei que sou. E sinto por isso. Sinto pena de mim, de não saber lidar com o dia-a-dia, ele chega às minhas mãos, como jornal comprado da esquina, e simplesmente não sei o que faço dele, se leio, se olho, se devoro, ou se meramente o deixo. Deixo-o. Eu faço não-sei. Eu sou não-sei. Eu quero não-sei. Eu sei que não sei. E o não-sei faz parte de uma palavra, o não-sei permaneceu hoje, existente, congruente, na minha vida, um hiato condenado. O dia tinha tanto para dizer, que não disse. Deslocou-me, para que olhasse em seus olhos. E

permaneci na expectativa. Olhou-me o dia. Aqueles olhos meia lua. Disse-me então, que me apreciava platônicamente. O tempo. Qual o valor do significado da palavra-não-dita? Sentir-se na terra que não se foi afluada. Aquele continua sendo aquele varrido e gerundiniano. No entanto, o dia foi de extraordinária importância, já que era dia. Contudo, faltou combate, em anexo. Volte-me, ar. Volte-me. Reprimida pelo próprio indivíduo que habita este cadáver. O tempo foi uma interminável reticência, ela não estava recheada, tinha guardado o instante do dia para o arremate. E o fim do dia terminou ilustre, com palavras de uma pessoa querida.

– (...) Hosana sempre fora assim, calorosa. Sempre diz que pode acalantar mais de um filho no colo. Mesmo que ele fosse do tamanho de uma caixa de sapatos. (...) É, eu sei, ela consecutivamente quisera ter filhos. (...) Seguramente que sim, Éster. Ela não anda vivaz. Quer agora é ser filha, e acalantar-se em meu colo. (...) Direi: “– Não se preocupe.” (...) O mesmo digo, o mesmo! Estará tão vivaz como sempre fora. E folgaz nos meus braços. Folgaz! (...) Ainda assim permite que eu a beije no pescoço. (...) Não. (...) Ela se aflige a qualquer instante, diz que estamos idosos, Éster! Velhos! (...) Uma volta pela praça talvez acalente seus pensamentos.(...) Seguramente.(...) Irei. (...) Até!

As vozes eram fofas como travesseiro. E as imagens eram foscas, como cegueira?

– Que... Que houve Rafael? Com quem fala?

Desligou o telefone vermelho.

– Nada. Estava a conversar com Éster. Sabe como sua tia é. Preocupada contigo, e se pudesse moraria conosco.

– Se ela vier morar conosco, aí sim que fico doente pelo resto da minha vida.

– Não permitirei! Fique tranqüila. E mesmo que viesse, como poderíamos ter nossas horas?

– Nossas horas? Não quero ter horas contigo, Rafael.

– Ora, mas se casou comigo.

–Quero ficar-me contigo sem precisar contá-las. Sem necessitar. Elas me dão aversão. Veja só o que elas fazem comigo todos os dias em que me levanto.

O espelho refletiu sua imagem íngreme. Seus olhos cortinados, a maçã do rosto rosada, e seu corpo sem forma definida.

– Ela me diz que devo comprar um espelho novo.

– Ou um novo vestido, querida! Hosana! Deixe-me comprar um vestido florido. Deixe-me. Irei agora, ou... Perdoe-me. Imediatamente não terei tempo. Mas poderei trazê-lo assim que sair do trabalho. E você tem visita e caminhará pela praça com Erasto. Ele já está lhe esperando.

– Erasto?! Não estou com vontade de caminhar hoje. Mas irei. Diga a ele que irei. E tenha um excelente trabalho, Rafael. Só não me traga o vestido, mas me compre um espelho novo!

Fechou-se a porta.

Volte ar. Volte. Não quero sair daqui, para ir buscá-lo. Não terei de fazer isto todos os dias. Não terei todos os dias esta ousadia. Estará aberto o apelo, por favor, trate de não faltar. Servirei a melhor moradia.

CAPÍTULO 5

A pracinha estava coberta de folhagens viçosas. O vermelho das flores flamejava e cintilava a iluminação do dia. O verde açoitava pelas laterais e pedia autorização para passar, e nós permitíamos. O dia estava como deveria. Erasto não é harmônico, e tem pouco calote, mas muitas palavras de extrema necessidade usurpavam aquela estribeira. É um rio de câmbio.

– Tenho pintado novos quadros todos os dias, Hosana. E não consigo de maneira alguma desvendar o mistério desta beleza. Diga-me, como posso competir com ela?

Aqueles pequeninos olhos, que já oprimidos, mal se cabiam no zíper que permitiam os olhos estarem. E olhavam-na como a inocência de uma criança através deles.

– É a natureza na sua plenitude. Seus quadros talvez sejam mais intensos que a natureza.

– Como podem? Quando penso, penso no vivo, e em torná-las vivas em meus quadros. Assim que tomo o pincel nas telas, já sinto que morreram. Todas.

– Não toque no pincel. Não os toque. Talvez esteja sendo rude. Você sabe, Erasto, com elas.

– Eu, rude? Não sou. Só se meu pincel for com elas. Meu pincel que é mais morto. Ou tem o poder de matar tudo que coloco em telas. Mas sinto que não posso mais pintá-las. Desistirei desta vida.

O vento abateu o chapéu de Erasto. Ele teve de sair numa corrida meio atrapalhada e pilhérica, estendendo suas mãos ao ar, numa competição afoita. Lutar com o ar é como se lutasse contra o tempo, irremediável. Imaginou como ele pintaria um quadro com esta cena.

– Que sufoco! Quase que arruíno o chapéu!

– Ainda bem que só o chapéu, Erasto. Vamos nos sentar.

– Ainda bem mesmo! Rafael me disse que você pretende tirar férias? Seria ótimo repousar nesta primavera. O dia está cada vez mais alegre, Hosana. Percebe?

– Eu percebo. Mas será que a sociedade está contente, Erasto? Se nem ao menos sabem que tem esta tonalidade o dia? Júbilo.

– Sinceramente, Senhorita Hosana, você está corretíssima. E terei de concordar. O tempo está contente para ele. Apenas.

– Que individualismo! Ele está exultante para nos fazer feliz. E em meio disso, consola-se.

Os pequeninos se espremeram cautelosos. Furtavam as cenas com tanta facilidade. Como o frio que nos roubava o calor do corpo que nos aquecia no dia. Neste momento, uma moça com vestes horripelantemente detestáveis e imundas, passou por nós.

– Esta posso lhe assegurar que não sabe a tonalidade do dia.

Contemplei-a com mais intensidade do que de costume. Ela me encarava, como que se esperava tocar-me. E sentir-me. Dizer que minha pele era mais macia que a sua, mais cuidada. Contudo, apesar do descuidado, era mais majestosa que eu. Caiu uma cesta de frutas suas, e, envergonhada foi colhê-las, uma a uma, como se resgatasse seus filhos do inferno. Senti suas mãos calejadas, e com indignação da vida. Pude ouvir a hilariedade ao longe. Moças com apliques nas golas de rendas, e bordados pelo

vestido inteiro. Moças sem arremates. Assombrosamente apavorantes. Senti vergonha. Desci ao chão, e ajudei-a a recolher todas as frutas que lhe faltavam. Assim fez Erasto. E as demais se aquietaram. “Você é muito bela”. Ainda lhe faltam umas seis, dispersas. “A senhora é um anjo”.

Pela primeira vez, enrubescida. Nunca tinha ficado vermelha alguma vez na vida. Mulheres se entendiam. E ela entendia sobre a índole da vida na sua castidade, e a gradação de tons dela, em alto grau, antes que Erasto.

As folhas novamente estavam nos consentindo estender. E o crepúsculo estava visitando o dia. Atravessamos a praça, e fomos com pressa para nossas casas. A noite era o pior do dia.

– A noite é o pior dos dias.

– Você acha mesmo, Hosana?

– Sim. Veja como os pássaros adultos retomam aos seus ninhos, com medo de ataques. Seus filhotes estão afoitos, e desesperam-se para vê-los logo. As pessoas voltam, ou para salvar alguém, ou para salvar-se.

– Está em extremo entusiasmo, hoje. O que anda fazendo? Quer que eu lhe deixe em casa?

– Com certeza. Não sei se me salvarei até lá! Ando. Ando somente, Erasto. O espelho e a idade que já não me permitem colocar o motivo da caminhada.

– Que é isso! Está mais admirável do que antes. A vida inicia aos 40.

– Pois disse precisamente: a vida começa aos 40. Ninguém discorreu dos 45.

À noite, vestiu-se. O luar ia inundando a tela, e fazendo-os de um quadro solitário na primavera. Duas pessoas caminhando rentes a uma estrada de areia. Os sapatos rosados, e os sapatos pretos. A sombrinha de Hosana, mais agasalhava o sol, do que a si. Um horizonte sucinto em estrépitos, e borrões passageiros. As mãos nuas naquela penumbra que iam adentrando. Visto de longe, pareciam duas crianças miúdas, que corriam para chegar a casa, e não perder a refeição da noite. Na proximidade lá estava: dois adultos evitando a vida. Correndo contra as casas, e contra o dia. Cruzando os arredores.

– Obrigada pelo passeio, Erasto. É sempre gratificante caminhar contigo. Volte sempre! “Disse como para o ar. Que voltasse, que meus pulmões eram saudáveis, e agüentaria uma volta ao mundo”.

– Claro. O que eu poderia desejar? Caminhar ao lado de um anjo! Mais tarde poderia ensinar-me a voitar! Até mais, Senhorita!

Fechou-se a porta.

A habitação estava coberta pela escuridão noturna. Não aparentava ter pessoa alguma. Os espelhos que a decoravam, era uma bizarrice visualizar. Em qualquer instante, teve-se a impressão de que fantasmas iriam aparecer dentro deles.

– Mais fantasmas que eu. Nunca!

Foi subindo as escadas e estava com sede da janela de seu quarto.

– Senhorita Hosana! Que bom que a encontrei!

– Lísia? O que faz acordada uma hora como essa?

– Rafael. Pediu-me para lhe vir fazer companhia.

– Rafael? Como? Quero dizer, quando?

– Hoje à tarde. Ele foi até meu trabalho, disse que estava muito ocupado. E não poderia voltar tão cedo para casa. Então, pediu... E estou tão contente!

– Estou também, magoadíssima. Fique à vontade pelo seu quarto. Estou subindo e irei tomar um banho.

– Quer ajuda?

“Quer ajuda?”. Aquela ajuda capaz de soar como homicídio sufocante. Ela bem sabia da minha aversão por ela. Como permanece uma sujeita com tamanha estupidez! Avançou a escada perdidamente irrequieta, mas, no último degrau, no qual entraria em seu quarto, voltou-se. Desceu com rapidez as escadas.

– Quais são suas pretensões, garota?

Abriu-se a porta. Rafael chegou do batente. Fatigante, foi murmurando que gostaria que o sustento estivesse pronto.

– Rafael! Que bom vê-lo.

“O ar. O ar”.

– Querida. Porque chegou tão tarde? Onde esteve?

– Estava a caminhar com Erasto. Conversamos a tarde inteira. Foi tão apropriado! Senti-me muito melhor depois do passeio. Bem que me avisou! Espero que seu trabalho não tenha sido tão intenso. Mas pelo que vejo, está exausto! Quer que eu lhe prepare algo?

– Hosana? Que excelente que esteja melhor. Mas não me arranje nada. As criadas é que irão fazer isto. E pelo visto já estão preparando. Sentiu o cheiro?

– Não estou conseguindo sentir aroma de nada. Só das flores que vi agora pela tarde. Agora mesmo vi Lísia, estava aqui na sala. Mas seu cheiro é de cravo arruinado. Deve ter ido se deitar.

– Hosana! Também a vi pelas frestas de vidraça da porta. Ela realmente já foi se deitar. Será que não estará com apetite? Vocês se atracaram outra vez?

– Por pouco. Se não tivesse chegado. Estaria em seu quarto também. Já estaria morta a imprudente. Ou eu estaria.

– Hosana! Como pode me dizer isto!

– É a verdade pura! Sou franca, Rafael. E estou indo para a minha ducha, já que não preciso mais afrontar aquele empecilho.

– Está bem. Vá, vá!

“Quem foi que inventou o amor, não fui eu, não fui eu”. Despia-se cantarolando. No canto direito havia uma janela de que se podia mirar as flores do campo. Nua. Cerrou os olhos e sentiu o cheiro das rosas invadindo seu corpo, dialogaram. Extensas conversas, que adorava, que lhe agradavam. Desprendeu seus

cabelos encaracolados, viçosos como as flores. Ruivos. Apesar da idade, era cautelosa consigo. O espelho que ficava de frente com a banheira esboçava as formas do seu corpo, agora muito bem adornados. “Irremediável”. O reflexo a observava com pouco caso. Estendeu seu pé esquerdo suavemente, ele se banhou nas águas, preparando o restante. Seu corpo abrigou a água, e o conjunto, então, submergiu. O pescoço, pendido na borda da banheira branca de porcelana, olhava para o teto. Refletia ali sobre restos de acontecimentos. Milhares de esfinges marchavam coordenadas pela sua agudeza. Olhou para seu corpo e lá estava ele, “afagado ou afogado?”. Era como iceberg, que flutuava pelas espumas. Elas lhe permitiam tal audácia. “Flutuar”. Solto o ar, e deixou-o ir, livremente. Libertou-o, porque o ar que estava preso era velho e asqueroso. Assim como seu corpo, aos 45 anos de idade, só que não podia se livrar dele, ou podia? Encostou a cabeça no regaço, os olhos se fecharam, e se lembraram do campo de flores, os sapatos de camurça róseos, percorrendo todo o picadeiro, correndo como nunca.

– Que nome para uma criança, Éster!

– Ora, sempre tive o gosto íngreme. Não me proferia isto?
Ho-sana! Não vá tão além!

– Gosto por aventuras. Como a mãe!

“Aventurar-me pelos desleixos, mãe”. “Este é meu feitio de vida, parecer excêntrica, para me tornar habitual”. Abriu os olhos e enxergou o teto. “Hosana”. “O que significará meu nome?”.

– Por que chora, Hosana?

– Perdi, eu perdi, estou morrendo mamãe. Estou morrendo.

– Ela persistiu em dizer que perdeu um porta-chaves, e que deseja morrer, o que eu faço?

“Um porta-chaves, ou um palito-de-dente, não importa o nome da coisa, é coisa e sendo, dói”. “Quem foi que inventou a ternura, não fui eu, não fui eu”. Cantarolou mais uma vez. Avistou a ponta do seu seio. Esgotada, acariciou-os.

– Senhora, ouça meu primeiro dito. Eu que fiz. Sozinha! Presta atenção: “o fato é fato, porque todo mundo o fatiou”.

– Hosana, não fale tolices, estão todos olhando!

– Melhor ainda, eles conhecem assim meu ditado.

– Que idéia!

Enxaguou-os, com delicadeza, e, como uma criança, passou a desvendar sua pele tênue. Só que, não o descobrindo, mas vendo o que lhe restou. “Ainda sou mulher, possuo história, sou mulher”. Sentiu uma felicidade alastrando o coração. Tamanha foi a alegria que as pulsações do seu coração soavam em forma de melodia, enlaçando com a correnteza que o corpo nutria, circulando por entre suas formas arredondadas, exuberantes, fulgurantes e entorpecidas. Sentiu-se donzela com seus 20 anos, espumou o sabonete sobre a pele morena, em formas circulares. “Álvaro”.

– Ho, O que você vê detrás da cordilheira?

– Não vejo.

– Como? Não vê?

– Não vejo, oras!

– Por quê?

– Porque a colina está na frente! Que questão tola!

“Meu querido Álvaro, como será que passas tu? Por onde será que anda?”. “Que caminho percorreste?”. Tão diferente. Tão íntegro! Suspirou.

Por um preciso instante, concebeu seu corpo juntamente com o dele. Eram apenas um.

– Hosana, seu nome é vulgar como de uma prostituta.

– O que foi que disse?

– Você é muito para um nome qualquer. Muito. Assim como sou pra ti. Homem nenhum. Nome qualquer.

– Al, Que nome me daria?

– Tudo.

“Não fui eu. Não fui eu”. Adentrou dentre as espumas esbranquiçadas, que correu seu corpo rapidamente. Olhou para o teto, e via-o entre brechas. Visualizou a imagem de Álvaro. Sublime. Um sol, que raiou no dia. Abaixou seu corpo, extremamente branco, por debaixo d’água. Gargalhou. Era pilherio.

– Senhora! ESTOU MORRENDO!

– O que foi Hosana, Meu Santo Deus!

– Estou morrendo, estou morrendo, estou sangrando!

– Que morrendo, você está nascendo. Crescendo!

– Nascendo?

– Sim!

– Senhora! EU ESTAVA MORTA, EU ESTAVA MORTA!

“Imagine como...” Levantou-se subitamente da banheira, e correu resgatar a toalha pendurada próxima do espelho. As marcas molhadas, de seus pés, deixavam os rastros pelo chão. Os cabelos unidos, sem vontade de família.

– Eu detesto brincar de esconde-esconde. Eu detesto! Se me oculto muito bem, ninguém me encontra, e permaneço sozinha numa escuridão perene durante muito tempo. E se caço, tenho a impressão que todos foram a uma festa sem mim.

“Meu percurso! Que idéia excelente! Preciso ver Erasto imediatamente”.

Desceu a escada envolvida pela toalha.

– Rafael! Rafael!

Chegou ansioso à sala, e viu sua esposa seminua.

– Querida! O que houve? E porque saiu assim do banho? Aconteceu alguma coisa?

– Alguma coisa? Muitas coisas, e extraordinárias! Eu achei um motivo para Erasto continuar com seus quadros! Eu encontrei. E ainda por cima tive idéia para uma nova tela!

– E precisava sair assim, deste modo! Vamos, suba e se vista, que irei chamar Erasto. Mas não saia assim! De modo algum, ande!

– Serei ligeira, trate de dizer para arregaçar as asas, e vir volitando! Volitando! Ah, santo Deus! Que brilhante! “Quem foi que inventou a ternura, não fui eu, não fui eu”.

Subiu as escadas.

– Hosana! Quanta excentricidade. Como você é excêntrica!

O quarto não aparentava ser quadro. E muito menos uma adequada idéia. Estava sem iluminação. Era ridiculamente desprezível. Tal pintor não merece mérito. Não compremos. Ninguém. Pintor-criador, não venda esta tela, não ofereça a ninguém. Não...

– Hoje eu sonhei que era padre.

– Não diga, Erasto...

Escorava-se nos braços de Hosana. Com dificuldades para respirar.

– Que afronta, Hosana! Achei que fosse anjo! Deixe-me terminar. Tudo que tenho é este sonho, o último de todos...

– Erasto!

A cama tinha odor de defunto, ele tinha odor de morto, o coxim, a respiração dele estava ininterruptamente contada e calculada a dedo, parecia que eu respirava juntamente, aparentava que o socorria de alguma forma.

– Senhora, porque é tão dolorido sangrar?

– Porque se corta.

“Não deixe o ar viajar, não deixe”.

– Onde dói, Erasto? Onde dói? Iremos poder salvá-lo. Fale-me onde dói! É onde se cortou, e então temos de estancá-lo!

– O corte não é externo, pequena.

– Iremos abrí-lo! Iremos abrí-lo!

Rafael pigarreou no quarto.

– Hosana, vamos querida. Ele se vai.

– NÃO! Eu quero estar aqui com ele, querido. Eu quero estar no embarque. Temos de salvá-lo. Deve ter algum modo.

– Os médicos já disseram, e fizeram de tudo. E são amigos da família. Está com câncer generalizado. Em estado repugnante. Afaste-se, vamos!

– NÃO!

CAPÍTULO 6

O que se pensa da morte (...) é o que ela verdadeiramente é? (...) Eu penso que (...) a destruição é morte desde quando eu pensei nisso agora. Inevitavelmente, eu tenho medo (...) só pelo fato de pensar nisso. A gente nasce achando que somos nossos, donos de nossos corpos, de nosso próprio seqüestro, de nosso próprio estrago, criando vidas e mais vidas pela própria vida, e derrepente... Derrepente tudo se vai.

É como se alguém entrasse na história e dissesse: Devolve! Você olha na sua mala, agora sem nenhum sorriso no rosto, porque achou que mesmo indo, poderia levar consigo tudo guardadinho. Aquilo que até então, você achava que era teu, você descobre que tinha prazo de validade, era só uma distração, um brinquedo, uma forma de existir sendo menos animalesco. “Traição”. Dá-se a impressão de que fomos traídos, tudo nos é tomado, e voltamos à estaca zero, como se apagassem nosso chip

de memória. “Você já brincou o que tinha que brincar, dê chance para o Paulinho. Agora é a vez dele”. E então ficamos em branco. Mortos. Porque a morte também é a ausência de memória.

Sobra aquela tez fria, improdutiva e enrijecida pela carência de existência. “Mais um”. Às vezes tenho a vontade de matar-me para não conhecer essa extinção. Às vezes temo por estar viva. Quando esses pensamentos me vestem a cabeça, meu coração dispara em pânico. Planejo formas de suicidar-me. E o medo não é porque um dia vou morrer, mas porque eu estou verdadeiramente viva, não é simplesmente uma fantasia, um devaneio, igual os pensamentos que vem e vão. Isso não é brincadeira! Todos nós iremos morrer! Eu estou aqui e um dia meu coração vai parar de bater (...)

Provavelmente irei morrer do coração, já que minha família, em sua grande maioria, morreu disso. Talvez, será no inverno, o qual saiu para um conciso passeio. Possivelmente Rafael estará trabalhando. Terei programado todo o resto do dia, mas derrepente, uma parte de meu coração deixará de receber oxigênio, meus braços vão se apoiar no muro de alguma rua desconhecida, o qual jazerá o meu cadáver (...) estarei bonita neste dia? Existirá beleza na morte? (...) Sentirei uma pontada horrível de dor no peito, no ombro, na barriga (...) ficarei com falta de ar (...) o suor

será intenso (...) então, meus joelhos irão ceder para morte, como uma rendição. “Aceito casar contigo” (...) sentirei náuseas e elas serão fortes (...) ficarei fraca, tonta e com vertigens (...) pálida. Ruirei ao chão, e caberão as pessoas que me conhecem, saber o que irão fazer com a memória que guardam de mim.

Acredito no restante do dia, que a vida é um brincar de colecionar. Quando a brincadeira tiver fim, bem, quando ela tiver fim... Estar vivo implica em morrer algum dia. Não pensando, como saberei que existe a morte, se ela só existe porque imaginamos como é? Com que direito tem de assolar minha vida, tomando tudo o que eu construí durante o meu respirar? Com que direito tem de varrer as pessoas que eu conheci para debaixo de um tapete que eu não poderei mais limpar? Por isso que sou desprovida de criadores. Acho um absurdo completo, um pai que toma decisões sem me consultar. Embora nem eu me consulte para tomar decisões, ainda acho uma falta de respeito.

“A vida é mesmo um baile à fantasia”.

Correu até seus pés não se agüentarem, cruzou a primeira rua, a segunda. O vento. “Ele sonhou que era padre, o que tem a ver com a morte?”. O vento dizia para recuar, mas não o queria. Continuou, e iria socorrer Erasto, mesmo que demorasse, iria alcançá-lo. “Não se case”. A flor da praça, não notou. O ar

confortante da noite, também não. A noite não era mais quadro. As flores deviam estar vivas nos quadros de Erasto, Eras...

“Deveria ter sonhado que era vivo, nenhuma pessoa deseja ser reverendo, ambicionava ser o senhoril das curas”. “Um sacerdotal!”.

No porto não tinha ninguém. Não tinha ninguém. “Agora é sentar, e aguardar”.

O vento assolou seu vestido. Teve de segurá-lo para que não se elevasse. As nuvens encontravam-se ameaçadoras como a máscara da noite. Assim como seu único vestido para bailes. Extremamente remoto, assim como estava o entardecer. “Estou chegando”. Ao longe enxergou um barco principiando pela borda. “Estou chegando”. “O ar”. O baile daria início. Sentiu-se afetuosamente, apesar da lassidão corporal. As lágrimas, mesmo assim, sorrateiros como um felino, abandonavam a porta dos olhos. Controlava-se, no entanto jamais foi socialista, isto era uma deformidade. O defeito de ser endógena.

O barco enfim chegou, e parecia mais um bote de brinquedo do que uma embarcação. “Seria um magnífico quadro”. As pessoas se encontravam com suas famílias, todos muito bem vestidos. E sorridentes, como estavam prósperos, afáveis! Notou a

diferença de como as pessoas ficam joviais quando sorriem. Com ímpeto, sorriu. Acenou com a mão para as pessoas como se as conhecesse. Um sorrir dolente transpareceu na face, porém com volumoso esforço, devido ao corte intenso. Espíritos agitados, vestidos enfeitados nas margens, sorrisos mútuos, apaixonados enlaçados como canto lírico impecavelmente harmônico. Um artefato bem perpetuado.

– Ah, que saudade!

“Que saudade”.

À sua esquerda:

– Há quanto tempo não a vejo! Está mudada! Está viva como o pôr do sol. Trouxe-lhe um presente.

À sua direita:

– Gracias! Gracias, Carmencita. No me deje nunca solo! No me deje, por favor!

O casal se rendeu num beijo estonteante. A nostalgia de um, ao lado do outro, não era suficiente. Era preciso que se tocassem, e sentissem um ao outro, se experimentassem.

“No me deje nunca sola...” “No me deje”. Rafael veio imediatamente, completamente abatido, e executava o sopro com

dificuldades. Não disse, porque não foi necessário. Não era preciso falar. Não era a hora. O dilúvio então nos visitou. “Como estava fria, a chuva. Fúnebre, morta”. Rafael removeu o seu casaco, e envolveu Hosana, abraçou-a. “Que gentil”.

- Não é preciso sair deste jeito.
- Como quer que eu saia?
- Não saia, simplesmente.

Uma gota faceira se embrenhou sobre a face de Rafael, e caiu sobre os lábios. Ela o beijou, ternamente. As gotas tinham um gosto extremamente surpreendente, no entanto somente as gotas. E os lábios, onde estão aqueles lábios?

Que eu morra de amor. Assim estarei iludida e não verei a morte passar. Será tudo como um passeio. Assistirei de longe a minha própria face beirando o abismo, mas repleta de alegria, entupida de desejo e paixão, morrerei intocável.

Eu era um animal, mas era um animal feliz. Colocaram-me uma roupa e disseram-me: seja. E eu fui, fui tanto que cheguei ao âmago do ser, um oceano que poucos se encorajam de imergir. Agora que sou não sei o que fazer com o dito. Sou para os outros, e o ser para mim?

Os olhos deslizaram docemente pela atmosfera plastificada, como um pomar encoberto de uma camada de tom acinzentado. “Poderia ser um quadro, um bucólico quadro”. Respirou e deixou o ar voitar. Calçou seus chinelos felpudos, e desceu as escadas com exagerada pressa. E tentou lembrar-se de uma ocasião única, na qual estava integralmente feliz. Um dia todo majestoso. Qual dia seria?

CAPÍTULO 7

Despertou certa manhã, com uma bandeja de aperitivos em cima da cama. Saiu às pressas, calçando suas pantufas coloridas, maiores que seus pés miúdos. Nunca encontrara uma com a dimensão correta. Isso a irritava, porque embora já adolescente, seus pés persistiam na meninice.

Já no corredor, avistou aquele sorriso, altivo, que incendiou toda a casa. Aquele perfume de orvalho que só ela tinha. Cabelos presos num penteado extremamente bem elaborado. Antes de tudo, feminina. Mesmo com os problemas, ainda com os nossos problemas, feminina. Jamais deixou de se mostrar mulher. Fervorosa, fogosa. Tocava o piano como bordava suas toalhas: maravilhosamente! Aquele toque cor-de-rosa, que só ela possuía.

Em uma noite gélida, encontrei-a sentada no sofá da sala, chorando. Até quando chorava era doce. Estirava o lenço

cuidadosamente, e enxugava seus olhos dourados. Para dissimular aquela angústia, cantarolava, tocando o piano como nunca ninguém tocou antes. As mãos, jorrando a melodia, entrelaçadas naquele coração tão grandemente afável. Caberia o mundo. O universo.

Lembro-me de ter deitado minha cabeça sobre seu colo, e receber mimos de suas belas mãos. Aquele cheirinho que me comovia, tranqüilizando-me a ponto de fazer-me adormecer. Sentia que poderia parar de respirar, e fazer qualquer reflexo de que o meu corpo precisasse. Tudo seria resolvido por ela.

Quando acordei, já deixando o sorriso tomar-me por completo, não a encontrei. Não a encontrei.

“Eu disse que odiava esconde-esconde”.

Percorri a casa, em todo o canto. Poderia estar sozinha em qualquer obscuridade. Senti-me incapaz. “Como era esperta”. Não sabia em qual local. Até hoje. Inclusive hoje.

“Inclusive hoje”.

– Passe-me o chá.

– Mesmo que ela não seja sua irmã de geração, deve-lhe respeito, Hosana.

– Não quero pensar sobre isto – esticou as mãos para alcançar um pedaço de pão que estava a sua frente.

– Lísia está amargurada há dias, e não se ausentasse daquele quarto. Já imaginou se alguém lhe fizesse este incômodo?

– Não me importa – engoliu o pão vorazmente, fingindo uma fome absurda.

– Tudo que faz é se trancar naquele quarto, enquanto deveria viver momentos verdadeiros, com pessoas reais! Que te desejam o bem, afetuosamente.

– Quer que sorria? – sorriu superficialmente, mostrando os pedaços de comida em seus dentes.

– Não! - Rafael retirou o guardanapo de seu colo e lançou-o com agressividade sobre a mesa - Não peço que sorria, mas estou lhe dando motivos para sorrir. Cansei. Eu cansei! Só consegue enxergar-se no espelho.

Engoliu de uma só vez o pão, se engasgando de imediato. Deu algumas tossidas fervorosas, respirou fundo e olhou para seus pés acanhados, que persistem em ser num espaço-tempo que não existe mais. “Prossiga! Vocês acham que possuem vida própria, pois eu que sou dona deste teto, vocês são meros colaboradores

para que a mobília não pereça. Tratem de correr para o tempo correto!”

Levantou-se da mesa, marcando o silêncio com o som dos seus sapatos pretos, radiantes.

A tarde chegou perto da noite. Não disse aonde iria, e nem sabia se partiria. Apenas abriu a porta da casa, e ficou pensando o que faria do dia. Folheou a primeira página e viu-se caminhando outra vez pela praça, porém, desta vez, estava só. Como havia se distanciado das pessoas. Parecia-lhe totalmente inumana; no entanto, pensar assim lhe deixava humana, mais do que qualquer outro.

A praça se encontrava sem brisa, contida numa coisa que era indescritível. Resolveu visitar a casa de Erasto, saber como estava a família.

– Ah, Hosana! Que bom que veio nos visitar. Vamos, entre! Tenho tanto para lhe contar!

Limpou tanto os sapatos no tapete da entrada, que a senhora intrigou-se.

– Que bom ver a senhora, também.

– Como eu havia dito, tenho que lhe contar. Melhor dizendo, tenho que lhe mostrar. É uma história muito intrigante, a meu ver. Tínhamos até decidido em casa, não lhe mostrar, para não a deixar preocupada. Mas já que está aqui em nossa humilde casa...

– O que aconteceu, senhora?

– Antes... Antes de Erasto... Enfim. Ele retratou uma figura muito interessante... É precisamente você na pracinha que tem próximo daqui.

– Eu?

– Sim.

– Como sabe?

– Porque ele deixou um bilhete ao lado deste quadro.

– Um bilhete?!

– Sim. Quer ver?

– Certamente que sim!

O quadro era extremamente cor-de-rosa, rubro, parecia um coração, um... útero de uma genitora. Os olhos de Hosana chamuscavam, cintilantes. Era tão admirável o quadro! Parecia

abreviar sua vida. A iluminação remetia a isto. Lá estava, parecendo uma criança. Porém, estava risonha, sozinha na praça. “Um quadro meu”.

– No dia em que ele...

– Sim.

– Que... maravilhosa a tela. Excêntrica...

– Também. Comentei com minha tia, e é um dos melhores trabalhos já pintados por ele.

– Também concordo...

– O bilhete está logo ali, naquela mesinha. Não tive coragem de abrir, estava com seu nome.

– Meu nome?

– Sim, leia!

“...”.

– Mas só tem...

– O quê?

– Só tem uma palavra.

– E o que diz? Posso saber? Desculpe meu atrevimento.

– Claro que sim! Está escrito...

– Que curioso! Que curioso!

O criado entrou pela porta.

– Senhorita, Rafael está à sua procura.

– Senhora, tenho de ir. Desculpe sair assim. Não avisei Rafael aonde iria. Portanto, não devo demorar. Muito obrigada por receber-me. Voltarei assim que puder. Adeus!

“Não me esqueço do bilhete”.

– Adeus!

Para a sua grande admiração, na volta, reencontrou aquela mocinha, tão formosa. E sua prenda lembrou-se. A mãe, não a senhora. “Que boa mãe”.

Sentou-se um instante no banco da praça, e avistou o dia. “Como poderia alguém enxergar atrás da colina? É impossível”.

– Por este motivo nunca fui lá.

Declinou a cabeça e olhou para seus pés. Ainda miúdos, tanto que se confundiu. Não saberia se tinha regressado para a meninice, rapidamente voltou os olhos para a praça... Não, era a adulta de sempre.

– Também nunca fui.

A moça descalça, primitiva. Sentou-se do lado.

– Que foi que disse?

– Também nunca fui atrás da colina.

– Como sabe?!

– Ouvi sua conversa com aquele senhor outro dia, neste mesmo local. Vocês conversavam tão deliciosamente. Pareciam estar desfrutando da mais perfeita refeição do dia.

– Verdadeiramente, era sim. A melhor refeição do dia.

– E porque não desfruta mais?

– De fato...

“Uma estranha”. Estava ali, dialogando com uma estrangeira, e o prato nem estava tão vazio assim. “Contar meus segredos?”. Estranhou-se, ela existiria mesmo? Não necessitava de uma companhia! Não estava tão desesperada a esse ponto. Estreitou os olhos e encarou a mocinha desprovida de calçados. Observou os pés da moça, que se sentiu muito desconfortada, tirando-os ligeiramente.

– Perdoe-me. Perdoe-me.

Apesar de um pouco confusa, aqueles olhos jovens, foi-se deslizando sobre o banco e levantou-se meio atordoada, deixando a praça. Não disse coisa nenhuma, e a moça se sentiu tão magoada, que abaixou o semblante, e tapou-os com as mãos, entre soluços e brincos-de-princesa.

Igualmente chorou. Chegou a casa e sentou-se no sofá, contraiu suas pernas junto ao ventre, quase encostando cabeça e joelho. “Enxergue-se no espelho”. “Não me enxergo, este é meu martírio, não me enxergo no espelho!”.

–Lísia! Lísia!

Correu adentrando no quarto de sua “irmã”. Lísia estava dormindo silenciosamente, sem acabrunhar ninguém.

– Lísia...

Seu vestido era muito formoso. Gola alta, perpassando o regaço, e deslizando pelo resto do corpo, aquela renda azulada, extremamente fina. “É de se admirar”.

– Lísia... Está acordada? Por favor, acorde. Preciso lhe tomar a palavra.

– (...)

Adormecida, nada mais que repouso. Um feto estava de ponta-cabeça no leito, e encolhida, como se quisesse apanhar os joelhos. Sentou-se na borda da cama, e acariciou os cabelos loiros e encaracolados de Lísia. Neste mimo, foi sentindo tanta aversão, imaginando aqueles cachos como macarrão putrefato. Afastou-se em passo acelerado. “Asquerosa”. “Sou incapaz de amá-la, é tão eu que me causa ânsia de vômito!”.

Foi ao banheiro e despejou aquele fluido amarelado, sem vida. “Puro”.

– Rafael! Rafael! Corra aqui, por favor! Corra aqui!

Ele não estava em casa, e parecia-lhe que sua pressão havia abaixado. Tudo está em dois lugares ao mesmo momento, e com uma certa aberração ocular. Esfregou os olhos, e suas pernas não conseguiam fazer levantar-se. Cambaleou até a entrada da sala, seu coração iria saltar pela boca. Esqueceu-se do ritmo de antes, e compunha uma outra música, muito aterrorizante. Sensação de que o mundo não tinha serventia. Que apenas foi jogado na porta de casa, e não precisa ser lido. “Qual é motivo de estarmos aqui, morrendo?”.

Pontos pretos... Brancos... A morte. Pontos pretos... Jesus. A morte, a salvação. Círculos circunscritos em outros círculos.

Satã. Doença. Sangue. A inquietude. O êxtase do horror. Garganta temperada. Momentos e devaneios.

“Quem foi que...”.

Ruiu ao chão. O bilhete saltou a alguns centímetros de sua mão.

CAPÍTULO 8

— **O**s quadrados estão tortos!
— Eu a avisei!
— Claro que não.

— 1, 2, 3, 4...

— Pisou na linha.

— Não pisei!

— Pisou sim!

— Eu já disse que não pisei, olhe!

A donzela delicada surgiu entre nós.

— O que foi que eu disse a vocês?

— Para não brigarmos?

– E quem disse que estamos brigando? Estamos discutindo a circunstância, mãe. É distinto.

–Trate de juntar estes brinquedos. Irá chover. Está ventando muito.

O cabelo da senhorita totalmente em desordem, aqueles ruivos e finos fios. O próprio sangue no rosto. A própria dor embutida. Estreitamo-nos para debaixo dos braços da senhorita nossa mãe. Voltamos contentes para o lar, comer a refeição do dia.

– Hosana, está me vendo?

– Rafael! Parece um anjo. Sucessivamente se apresentando em meu olhar. Tão pacífico.

– Que bom que despertou! Ficamos muito preocupados. Achamos que...

– Minha morte não virá depressa, Rafael!

– Nem fale em morte, Hosana! Não me fale esta palavra!

– Por quê? Quais os motivos? É tão simples, quanto dizer nascimento.

– Quantas idéias! Quantas loucuras num dia! Estava terminando de resolver nossos problemas e...

– E ocorreu tudo bem?

Sentou-se na borda da cama, já com bem-estar para isso.

– Infelizmente não. Mas não quero aborrecê-la, iremos conversar sobre isso mais tarde. No momento, descanse. Fique tranqüila querida, ficará tudo muito bem! Estou indo verificar a janta, qualquer coisa é só chamar. E Lísia está no quarto ao lado.

– Não precisarei chamá-la.

Rafael saiu. Fechou-se a porta.

– Às vezes tenho uma vontade de salvar o mundo, no entanto sou só eu... Eu. Caída numa cama, mais morta que viva. Talvez o avesso. Talvez... Nenhum dos dois, simplesmente.

Lá embaixo era um espelho revirado, conseqüência do seu ânimo do dia. Sentiu-se atordoada. Havia tantas pessoas andando em passo acelerado, como se os segundos fossem facas de pontas agudas, que perfurariam suas peles, a qualquer ocasião, caso o retrocesso os perseguisse, e os perseguia. Tanta gente vestida de preto e branco, que o mundo estava sem coloração. “Só as flores davam a vida, o que a vida lhe faltava”. No horizonte, tudo estava

em ordem. Jazia de um horizonte. Espectro subliminar, identificada nas telas de um pintor famoso de quem não recordava o nome, o efervescente se afirmando no calor da ofensa. “Quanto cerimonial!”.

Desviou o olhar para a saída do quarto. Desceu as escadas como se não fossem suas. Avistou o piano de longe, resolveu ir até ele e se pôs a tentar tocá-lo. A primeira nota era dotada de um sol impermeável, parecia-lhe que não aceitavam suas mãos, magras e enrugadas. Parecia uma recém-nascida, tentando saborear água. É arriscado morrer, e o gosto não é de nada. De súbito ergueu-se. Um grito do quarto de Lísia.

Ele abrumou as mãos, torcendo-as sobre o único paletó que possuía. Um pouco amarrotado e possuindo alguns rasgos, porém estava digno. Era de serventia da sociedade. Estava apto ao início do ritual. Nunca pensou que poderia perder tudo que tinha.

– Será que não poderia rever esta situação? Nossa casa é a única mobília que temos.

– Não.

O homem indicou a porta de saída. As últimas palavras. Seria a última? Se o corpo ainda é palavras. E gritante mais que as demais formas verbais. Teria o homem filhos? Uma esposa?

Talvez sim. Mas estava tão automático em seu serviço, e obviamente estava subordinado.

– O senhor tem compostura.

– Como?

– O senhor está pronto. Nasceu como deveria. Está pronto para o mundo.

Neste baque, o rapaz derramou-se em lágrimas. Talvez tenha se lembrado do passado. Rafael se sentiu tão constrangido que gostaria de poder ajudá-lo de alguma forma. Enquanto o senhor, acuado na saleta, sua mesa menor que ele. Os sapatos muitos bem polidos. Terno de primeira qualidade. Os olhos verdes, possivelmente resplandeceriam toda a esperança das pessoas que já adentraram aquela sala. A sala estava morta, de um odor totalmente antiquado. O restante era dotado de um isolamento inabalável. Não tinha fotos espalhadas. Nem da família, muito menos suas. Nem premiações na estante. Muito menos uma estante. Era a sala e aquela mesa, duas cadeiras e só. Nem ele estaria ali, sentado e receitando ordens.

Levantou-se. O rapaz, com dificuldades, assoou o nariz. Respirou profundo, como se lhe faltasse ar. Arrumou a gravata vinho, que estava torcida. Alisou o palito compassadamente, e

observou o chão. Seus pés estavam no lugar devido. “Ritual”. Olhou para Rafael como se fosse Cristo. Retirou os sapatos custosos. Deixou-os de lado, e os arrumou como se fossem filhos. Foi subindo a face lentamente, aproximou-se de Rafael. Abriu os lábios e disse:

– Felicidade.

E beijou-o. Tocou os lábios seus aos lábios de Rafael. Agarrou o rosto, e como se fossem muitos anos de silêncio. Gritou. Deixou-o.

– Perderá a casa, mas não perderá a decência. Vá e acolha sua família.

Rafael ficou atônito. Recolheu-se instantaneamente.

– Ela está assim desde ontem. Recusa-se a comer. E nem quer receber visitas. Ela tanto que adorava saborear uma prosa.

– Lísia. Teremos de sair desta casa. Hosana precisa melhorar o mais rápido possível. Não poderemos...

– Você vendeu a casa!

– Não vendi, Hosana! Esta casa é nossa, mas não temos mais dinheiro para mantê-la.

– E eu não tenho mais combustível, Rafael. Ficaremos por aqui mesmo até que eu padeça.

– Deixe de ser pertinaz. Sabe que não podemos persistir aqui. Sabe! Por clemência, Hosana!

– Sabe o que Erasto disse naquele dia?

– O que ele disse?

Hosana está sentada na cadeira de balanço à luz do dia. Rafael apoiado da borda, ajoelhado aos seus pés. Lísia, como público, com os braços retorcidos, e uma feição de angústia extremamente imprimida.

– Ouça o que o senhor Rafael lhe diz, Hosana. Vamos, não seja tola. E, aliás, não sei o que tem contra mim, que nunca lhe fiz nada.

– Justamente. Nunca me fez! Como está inocente. Olha como ela fala, Rafael?!

Rafael levantou-se.

– Se vocês discutirem mais uma vez, largarei as duas sozinhas nesta casa, e irei morar para bem longe daqui.

Adentrou a casa.

– Sua malcriada!

Os cachos de Lísia não estavam arrumados como dias atrás. Estava mal vestida. E parecia não se alimentar corretamente. Havia olheiras abaixo dos olhos. E olhava angustiosamente Hosana. Seu sangue à flor da pele. Sua voz tão baixa e sortida, que sempre fora, estava reclusa. Agarrou com força o vestido, aquelas mãos finas e formosas.

– Hosana, eu lhe fiz nada! E muito menos sou malcriada! O seu problema... O seu problema é que fica constantemente imaginando que as pessoas lhe devem! Obrigatoriamente viver por ti! Está abundantemente enganada! Rafael tem aspirações, e não os vive por sua causa. Deveria pensar um pouco nos outros! Ninguém suporta uma cruz maior que a sua! Ninguém!

Adentrou a casa apreensiva. Pisava fortemente o chão. Culpendo-o por estar ali, chão que ninguém queria. Chão, que nenhuma pessoa precisava. Igual Rafael.

“Afastei-me”.

“Estávamos de saída, a guerra não nos permitia ficar. Aquela algazarra de pessoas acuadas em suas casas. Quase sem ter o que falar, e muito a dizer. Quando ficávamos na praça, logo um

guarda aparecia, e inverbalmente nos proibia, então nos retirávamos e voltávamos às nossas casas”.

As ruas passavam ligeiras. Olhava-se no espelho do carro. Aérea. Encurtava os pensamentos, o máximo que podia. Não queria tê-los. Apenas vê-los. Distantes como o horizonte, e tão vizinho como estava hoje. As árvores refrescavam o dia, que insistia em permanecer naquele alento performático de calor derradeiro.

– Estamos a pequena distância, Rafael?

– Quase chegando?

Lísia admirava as estrelas, numa contemplação aborrecida. Agora, era certo que não falaria com Hosana. Nunca mais atormentaria sua vida.

Satisfeita, Hosana respirou fundo e voltou a apreciar as estrelas igualmente. Eram como se fossem parônimas, palavras parecidas na grafia ou na pronúncia, contudo com significados diferentes. Como por exemplo: absolver, com significado de perdoar, inocentar; enquanto absorver teria a seguinte concepção: aspirar e sorver.

– É esta?

– Sim! O que achou? Perfeita, não é mesmo?

– Achei...

– Maravilhosa, Rafael. Poderemos conviver aqui, complacentemente.

Seus comentários eram ignorados. Sua opinião não era recomendável. Imediatamente tomada por tola a qualquer minuto. Seus versos eram considerados enxutos, e sobreviviam devido à essência do ar. Caso contrário, estaria sem casa. Sem existência. Entrou em seu novo quarto e deitou-se.

– Caso chegasse à colina, o que gostaria de ver então?

– Hum...

– Pensou demais! Não gostaria de ir até a colina. Não tem entusiasmo.

– Então, o que gostaria de ver, se fosse até lá?

– A...

Esqueceu-se. E ele havia dito tão compassadamente. Como poderia?

– Virá jantar?

Lísia estava abrupta.

– Sim.

– Oh, desculpe-me. Achei que não fosse. Então, não havia preparado o seu prato.

– Deixe. Eu mesma arranjo isso.

– Não temos mais criadas...

– EU SEI! Não sou parva, Lísia! Quer apoderar-se de nossas vidas, e destruí-las?! Deixá-las ao vento, aquelas serpentes que você planta continuamente no pomar de nossa casa! O que tem oferecido a nossa família? Reminiscências de que nosso pai se atracou com outra pervertida e a teve?! Saiba que está suja, desprezível, sua imunda! E ainda se faz de minha irmã, parecendo que martelou uma tábua em formato de sorriso no rosto. Tire-o! Tire-o!

Tentava arrancar aquele sorriso abominável. Lísia deu um grito, e saiu correndo para fora da casa. Hosana saiu atrás, segurando seu vestido pela borda. As duas correram todo o jardim. Lísia escorregou no lodo, e caiu ao chão. Hosana foi para cima, e começou a puxar os cabelos, e a golpear fortemente na face da moça.

– Sua vagabunda!

– Pare, Hosana, pare! PARE!

Lísia gritava densamente, sua face já transparecendo o sangue que começou a açoítá-la.

– Você não merece estar conosco, arruinou nossa vida! Arruinou nossa vida! Estávamos felizes sem você. Estávamos prósperos!

– Esta dor, que jorra em mim, não tem nada a ver comigo. E sim COM NOSSO PAI!

Hosana cessou. Respirou, respirou, estava enfastiada.

CAPÍTULO 9

De baixo da cama conseguia enxergar muito bem. Aguardou inquieta. Era natal. Um natal forrado de frio, e muitas bolotas coloridas. Pacientou-se, seu coração estava exasperado. Os sapatos marrons adentraram silenciosa e suavemente. Respirou fundo, e tentou não fazer barulho. Quando ele declinou sua mão, grande, parecendo caber o sol e a lua. Macia, como as flores na primavera.

E as lágrimas com grande timidez escorreram. Deixou-se tombar sobre a lama, e olhou para o céu, os braços estendidos sobre o lodo. Estava absorta outra vez. Lísia permaneceu caída, e relaxou o corpo, igualmente olhando para cima.

– Ele não me trouxe presente de natal. Ele lhe comprou um, não foi?

Lísia rebaixou os olhos, e também chorou.

– Não chore! Não temos dinheiro, e você deveria estar satisfeita por ter refeições todos os dias! Hosana, volte aqui depressa, ainda não finalizei essa conversa!

– Ele me trancou no quarto. Fiquei lá durante uma semana. Comendo canja. Alimentando-me de desesperança. A mamãe não fez nada. E mesmo que me amasse, se quisesse fazer alguma coisa, não poderia.

Virou-se para as flores, encolheu-se como um feto.

Os olhos brilharam, se fecharam. Três lágrimas deslizaram. Percorreram olhos abaixo, tímidas, foram descobrindo seus caminhos. Deslizaram próximas do nariz, e deitaram-se sobre a boca. Logo em seguida... desabaram e repousaram no chão.

Outras lágrimas puseram-se a desmoronar. Desta vez, eram as nuvens, de tão melancólica cena que avistavam. Essas lágrimas não percorreram narizes, nem olhos abaixo, nem deitaram sobre os lábios, mas como todo fim... repousaram sobre o solo. O aguaceiro. Fria, fresca como uma morta. Regaram vidas, molharam as caras abatidas. Os trovões perpassavam seus corpos, e iluminavam a cena. Suas faces eram iluminadas por esta trovoada somente.

“Quero ver o que tem além da colina, quero tanto ver o que tem além da colina”.

A rajada ficando violenta. Jorrando os cabelos molhados, e os vestidos para a esquerda.

Viraram uma para a outra. Abraçaram-se entre sorrisos e lamentações. Rafael chegou correndo na porta da casa. E avistou as duas, vindo para dentro de mãos dadas, e intrigou-se, pois quando começou a abrir a boca para dar um sermão, não o fez. Deu um leve sorriso, as duas adentraram. Olhou para o céu nubloso, fez um sinal da cruz, gargalhou e fechou a porta.

Lísia cantava no novo jardim, enquanto regava as flores.

– “E disseram que eu voltei americanizada. Com o burro do dinheiro. Que estou muito rica. Que não suporto mais o breque do pandeiro. E fico arrepiada, ouvindo uma cuíca. Disseram que com as mãos estou preocupada. E corre por aí, que eu sei, certo zunzum. Que já não tenho molho, ritmo, nem nada. E dos balangandãs já não existe mais nenhum. Mas pra cima de mim, pra quê tanto veneno?. Eu posso lá ficar americanizada? Eu, que nasci com samba, e vivo no sereno, topando, a noite inteira, a velha batucada nas rodas de malandro, minhas preferidas? Eu digo mesmo eu te amo, e nunca I love you. Enquanto houver Brasil. Na

hora das comidas. Eu sou do camarão, ensopadinho com chuchu!".

– Esta música é esplêndida. Formosa! “Eu digo mesmo eu te amo, e nunca I love you”.

Foi a réplica dela, depois de Good Night! E sem resposta.

– As flores. Gostariam que pudessem ficar como as da praça.

– Iremos conseguir!

– Não. Não tem Erasto. Nem a moça desprovida de calçados. Gostaria tanto de visitar a cidade. Por que não vamos qualquer dia desses?

– Está arriscado. Você sabe. É bom nem chegarmos perto de lá. E de que mocinha está falando?

– Uma que sempre encontrava na praça, quando caminhava com Erasto. Era tão bela, Lísia! Porém tinha o mal da pobreza regendo sua vida.

– Teremos pena dela. Como o orquestrante é a miséria, só nos resta rezar por ela. Ainda mais na cidade!

– E se pudéssemos buscá-la?

– O quê? Ficou biruta! Vamos entrar. Rafael aguarda o café.

Ajeitou-se na cadeira, como antigamente. Assentou o papel-toalha sobre os joelhos e respirou lindamente.

– Hosana, você está tão linda! Parece-me cada vez mais jovem.

Hosana gargalhou.

– Meu espelho não diz o mesmo, Éster! Farei dele uma Éster! Assim ouvirei isto todo santo dia! Acordarei com a certeza que poderei viver mais milênios.

Todos sorriram.

A comida estava de extrema feição. Tudo muito adequado. E composto com muito carinho, agora com ajuda de Lísia. Com tanta benevolência, resolveu até colocar um ramo de flores do jardim, no centro da mesa.

– Está tudo admirável! Que mão, Hosana! Nunca soubera que tem o dom para a cozinha.

Inquietou-se no assento.

– E não o tenho. Nunca terei.

– Ora, mas se estou afirmando!

– Chega! Não quero ser donzela de cozinha, já lhe disse! Não faço de lá meu palácio. E nunca irá ser. Mulher que é senhora trabalha fora, como qualquer outro homem. Talvez mais homem que muitos.

– E quer ser homem?

Lísia impacientou-se.

– Vamos limpar a mesa?

– Ainda não terminamos, Lísia. Pode sentar-se.

Rafael estreitou os olhos, aflito.

– Não gostaria de ser homem. Qual o motivo da pergunta? Você gostaria?

– Certamente que não! Ora! Que petulância, Hosana!

– A senhora que iniciou esta conversa!

– E eu iniciei devido à sua réplica!

– Replicarei muitas vezes se for mister! Imagine se eu fosse defunta! Só quando estiver no caixão, Éster. Somente neste dia, não ouvirá uma contestação minha. Mas pode ter certeza, que escutará de outras!

– CHEGA!

Rafael arfou.

– Eis a questão.

A tarde estava propícia para um passeio. Entretanto, havia tantas eras que não fazia isto. E com quem poderia dialogar com tanta amabilidade? Lembrou-se do bilhete. Decidiu sair acompanhada. Ela e bilhete. Não tinha tanta abertura para uma caminhada, pois estavam no meio rural. Tinha, certas vezes, de se abaixar, e erguer-se, e pular. Era até animador. “Eu digo mesmo eu te amo, e nunca I love you”.

Os animais estavam dispersos pelo gramado. Cachorros, gatos e vacas. Erasto dissera que sempre fora sua vontade ser padre. E naquele dia, no dia de sua morte. Tinha sonhado com isto. Estava caminhando sobre a praia, e conversando com pessoas, dizendo, tão seguramente, os conselhos. Estava semideserto, e tão apto de si. Corria pelos arredores, volitando e salvando as diversas pessoas. Sempre dissera que gostaria de ser trabalho de si. Saber quem é, e salvar-se.

“Meu eco”. Pegou o bilhete que estava no bolso do vestido, abriu-o.

Havia alguns borrões de continuidade de texto. Porém ele quis dizer apenas aquilo. Respirou fundo e cerrou os olhos. Sentiu-se simplesmente feliz. Aquele bilhete parecia-lhe um amuleto, talismã. “Se pudesse, faria um colar com ele”. Mas, se colocasse um papel como colar, eles a depositariam num manicômio. Abriu os braços, e arqueou sua cabeça. “Poderia voitar como Erasto havia dito, e aquela moça da pracinha também? Onde andaria a pobre infeliz?”.

Saltou rápido, porque havia um galho bem à sua frente.

A mesa da janta estava posta. Maravilhosamente. E o ramo de flores ainda permanecia aceso.

– Rafael, amanhã eu e Lísia iremos visitar a cidade.

– Como?!

Quase se engasgou.

– Por quê? Qual o motivo?

– Iremos trazer uma pessoa da família.

Ambas se olharam. Lísia tentou não sorrir, e se manteve séria.

– Há alguém da família ainda na cidade?

– Sim.

– E se recordaram somente agora?

Lísia pestanejou.

– Na verdade, ela se refere à minha linhagem. Prima mais jovem, com quem não pude ter relação. E eu a tenho com tanta afeição, senhor Rafael. Por favor, deixe-nos ir. Prometemos que não iremos demorar. Tudo ficará bem.

Rafael olhou para Hosana, desconfiado. Porém aceitou.

Foi uma burocracia tremenda para adentrarem a cidade. Levaram-nos a uma saleta, e nos interrogaram. Fizeram-nos milhares de perguntas, como de que partido éramos, se éramos escritoras, Ou se viéramos para resgatar alguém que não fosse do comando. Enfim, conseguimos.

– Tem certeza de que ela vinha sucessivamente para esta praça?

– Claro! Eu só a vi por aqui.

– Não podemos demorar. Ela deve vir imediatamente. Como será que entraremos em contato?

–Sentemo-nos.

A tarde chegou longa. Com cabelos negros, e uma pasta branca. Esperávamos ansiosas, e tensas. Até que uma outra jovem apareceu na praça, e já sem esperanças, perguntamos. Explicamos sobre a moça, e que o policial já estava nos olhando com desconfiança. Ela então nos deu a triste notícia. A garota já havia falecido. Quase na mesma véspera de Erasto. Fomos embora, ligeiramente.

Rafael nos aguardava na porta de casa. Veio todo preocupado, já com muitas perguntas.

– Por que demoraram tanto? Se aqueles policiais a perseguem, o que seria de nós?

– Ninguém nos perseguiu, Rafael. Fique tranqüilo.

– E cadê a moça?

– Ela faleceu.

Estávamos deprimidas. E não queríamos conversar. Mas Rafael nos inundava de perguntas. Porém, ao compreender a circunstância, foi ponderado, e silenciou.

O dia seguinte fúnebre. Vestido de preto. O vento tinha emudecido a todos que estavam abandonando o solo. Os ramos de flores acordaram murchos e não tínhamos entusiasmo de trocá-

los. Apenas sentamo-nos à mesa, e aguardamos taciturnos, como se esperássemos as criadas fazerem nosso café da manhã.

O telefone tocou, e nos avisou que estávamos vivos.

Rafael retomou mais cabisbaixo do que já estava. Sentou-se à mesa, e não nos disse nada.

– Aconteceu alguma coisa, Rafael?

– Sim.

Lísia e Hosana se aquietaram sobre os assentos. Aflitas. Hosana foi ao lado de Rafael e perguntou-lhe.

– O que foi querido?

– Tenho de deixar vocês.

Não teríamos mais carro, e teríamos de nos virar sozinhas. Rafael preparou suas malas, e lá estava ele, de frente a nós. Acenando. Aproximou-se de Hosana e a beijou. Tão calorosamente, que sentiu seus lábios, mais que as gotas de chuva. Ou teria sentido as gotas de chuva?

Entrou no carro e partiu.

O dia não estava. Havia partido.

CAPÍTULO 10

O amor seria isso? Essa ansiedade que nos causa, fazendo-nos lembrar das coisas. Dos momentos. Sublimes e ternos. De tamanha afeição! O amor não é presente. Era então. Incessante passado e futuro, que nos folheava como cadernos. Livros gastos e genuinamente novos de uma prateleira encoberta de pó. Não limpávamos. Seria melancólico demais, caso limpássemos. Que se envolvessem de teias de aranhas, permanecesse ali, antigo contemporâneo, contudo benigno.

Lísia olhou para Hosana, e as duas adentram.

- Não irá recolher um ramo hoje, Hosana?
- Não há necessidade. Não teremos visitas.
- Devemos estar preparadas. E se aparecesse qualquer uma?

– EU JÁ DISSE! NÃO IRÁ APARECER NENHUM!

Hosana desatou a chorar e correu para o quarto. Lísia declinou a cabeça e foi para o jardim procurar um ramo de flores, o mais bonito, o mais majestoso de todos. Quando chegou ao jardim, havia esquecido da chuva devastadora que tivera noite passada. As flores haviam abandonado o solo, ou se juntado a ele com muita magnitude. Suas pernas amoleceram, e não teve vontade de erguer-se. Ruiu ao chão e chorou desesperadamente.

Durante aproximadamente uma semana, a chuva as visitou, mantendo-as em casa. Hosana não deixava de observar a vidraça todos os dias, e quase todas as horas. Lísia se mantinha afastada, com medo de saber o que o dia lhe reservava. E o dia se mantinha longínquo delas, com receio do que elas esperavam.

– Uma carta! Uma carta!

– Só pode ser de Rafael! Abra, vamos!

As mãos estremecidas. Qual seria a vez em que teve tanto temor deste modo?

A cerca, desprezível, não escondia o gramado alto. Seu olhar era incapaz de acompanhá-lo. Corria transportando uma faca ensangüentada na mão. O capim estava úmido e golpeava seu

rosto, cortando-o. O sangue descia não por comprometimento. Estava exausto daquela desordem. Queria brotar logo, e serenar no solo. Seus olhos lacrimejavam, mas tudo o que vinha até então era engolido. Virou-se para a direita, e pôde avistar, por uma brecha, uma casa amarela de madeira. Deu um passo, e machucou-se. Sentou no chão, e não chorou. Olhou para o capim, tão verde, e sustentável, porém frio, revestido de películas insaciáveis. A planta estava se devorando, e se coçando umas com as outras. Nunca seriam flores. Nunca. Jamais. Em hipótese alguma. “Que desonesto”.

Sabia que teria de correr um bocado para alcançar-se, mas o caminho não era longo, era curto, tão curto, que quando virasse para realizar a curva e ver-se, então, sumia. Tão curta. Lambeu os lábios lentamente, sentindo o salgado. O verde. O verde. O imaturo. A honestidade se findava nisto. Na colina que nunca subiu. No beijo que nunca deu. Estava ali, enquanto o mundo colhia rosas em outros locais, enquanto brincavam de viver. A grama, inesgotável, sabia apenas quando chovia, quando fazia calor. Talvez quando morresse. Nascia sem querer, às vezes rezava pra morrer. “Há alguém que reze para morrer? Mamãe rezou pra morrer, não fez jus à vida”. O verde. O verde. Agora tenebroso e despovoado, interminável.

Sentiu que não podia se movimentar. Estava à gerência do mundo. Inerte. Pensou em seguir o movimento do vento, como a grama fazia. Direita. Direita. Direita. ESQUERDA. ESQUERDA. UMA LONGA ESQUERDA. Inerte. Inerte. “Queria ser erva”. Sentiu fome.

Quando a grama tocou sua face, lembrou-se do que tinha de fazer. Levantou-se e olhou para a casa amarela. Andou normalmente. Entrou, sentou-se na cadeira da cozinha, enquanto todos falavam sem sonoridade nenhuma. Via-os e não os via se movimentando. Dançavam num ritual desesperador. Escutava insignificância. Sentou-se para comer, simplesmente. Avançavam sobre ela, cobrindo-a, limpando-a, tirando a faca de sua mão. Perguntavam-lhe, pois acenavam com a mão, irrequietos, com sinais desconexos. Respirou e trancou os pulmões. “Não vá. Não vá!”.

– Misericórdia, não deixem que ele vá. Não quero que vá. Não estarei concluída para ir resgatá-lo. Não me deixe.

Caiu ao chão, entorpecida. Olhava para o teto e gostou da cor.

– Azul... Não vou soltar o ar. Não vou deixá-lo partir como mamãe. Não vou!

“O silêncio, irremediável”. A idade permitindo concretizar pensamentos que antes não tinha. Respirou e soltou o ar, o mais rápido, como se lhe fosse envenenando, caso permanecesse por muito tempo estagnado. Não chorava. Toda aquela maldita dor, sem lamentação. Era como sentir o desgosto de um caramelo adentrando o espírito, circulando pelo corpo e não sentir definitivamente nada. Nem uma gota. Nem berro. Nem menstruação. Se ao menos sangrasse.

O dia estava menstruado, e aquela contaminação pleonástica de devorar doces pelas narinas e corroer os ferros enferrujados, era em excesso constrangedora. Não absorvia o sangue. Não havia nada que pudesse absorver. O dia era um útero petrificado pelos primitivos, que se autofecundava, para que amanhã pudéssemos ver os óvulos circularem pelas elipses e as linhas invisíveis das órbitas. Todos deveriam andar mais suavemente neste dia. A sensibilidade do solo, culminante. O dia alastrava chuva, sem precisão. E ninguém poderia fazê-la recuar. O tempo escancarado, e estupefato, e lá surgiam as gotas inconseqüentes. Que jorradadas, doloridas, contra si. As estacas se autofincavam. Automorriam. Automorriam, as estacas. O dia era mulher, porque nessa carnificina em que se encontrava, também devia se sentir excitada e poder nos

apresentar um moço dia, e criá-lo, com tamanha devoção. Enquanto absorvemos o sangue, para que os dias se renovem. “Os dias se renovem”.

Nunca começou uma carta com carícias, já que as cartas eram acariciadas.

–Leia, vamos Hosana! Não perca tempo. Onde está?

–Vou ler.

“Querida, estou com muita nostalgia. Infelizmente não posso deixar o posto tão cedo. Terei de permanecer até o final da guerra. Se Deus nos abençoar, voltarei rapidamente pra casa. Hoje abateram dois navios brasileiros. Mas estavam achando que fossemos inimigos. Mortes inocentes. Porém, fiquem tranqüilas (isso também para Lísia), voltarei o mais breve possível, (assim que tudo tiver fim). Estou com saudades, meu amor, nunca senti tanta! E Lísia, sua companhia também me faz falta, grande amiga. Que Deus nos abençoe, e que esteja tudo certo por aí. Fortes abraços em Lísia. Um beijo em minha senhorita Hosana”.

As duas choraram de êxtase.

O dia havia sido absorvido. Dependendo da dimensão da infecção, poderia liquidar uma tarde e açoitar uma noite abrumada.

Sentiu cólica, e de noite, eram as piores. Doíam-lhe costas, pelve, e até as circunvizinhanças. Nunca tomou remédio para estas superficialidades. Mulher, que era costela, deveria estar apta para esta formalidade. De dia era corajosa, pois libertava o que era tão seu, e nos oferecia o que já não lhe pertencia mais.

CAPÍTULO 11

Sentadas na varanda. Reflexivas. Hosana com blusa de gola alta, bege. Saia longa e meio suja, marrom. Lísia estava formosa, um vestido, cor do céu. Em suas mãos, um bordado muito bem elaborado, com as delicadezas que a sua mão fazia brotar no tecido.

– Nunca imaginei que meu nome fosse tão barato. Você o acha, Lísia?

– Barato? Como?

Olhava concentrada para o bordado.

– Um fulano. Uma certa vez disse que era vulgar.

– Um fulano lá sabe o que é nome!

– Ou talvez. Sabia demais!

Hosana olhou para o bordado de Lísia e sentiu-se um pouco incapaz. Foi levantando e se alongando, dizendo:

– Vamos arrumar a casa! Poderemos receber visitas. E traga-me um ramo de flores, dos mais belos! Quem sabe será amanhã o retorno de Rafael!

Primeira vez que tinha visitado sua casa. Com o único terno que tinha. Todo amedrontado, bateu palmas.

– Senhora. A Hosana está?

– Oh! O senhor que é Rafael? Pois bem, entre. Ela está a se embelezar. Sabe como são estas jovens. Sente-se, vamos.

– Ah, sim. Claro.

– Então, o que faz, Rafael?

– Eu sirvo a Marinha.

– Oh! É marinheiro. Que belo rapaz. É majestoso, e possui uma honrosa profissão. E o que mais?

– (...) Somente isto senhora.

– Somente?

– Sim.

– Ah, sim. A candura!

– Rafael!

Hosana apareceu na sala. Seu vestido era rodado, inteiramente bordado, vinho. Pedrinhas faiscantes, e seus ombros à exibição. Os ombros mais doces e luminosos que Rafael já tinha visto em toda sua vida. Os cabelos ruivos conectados. Alguns fios, delicadamente, soltos sobre a face. Aquela cor do amor, rubro. Os olhos cintilavam como diamantes.

– Está... linda!

– Ah, que é isso Rafael? O vestido deixou-me assim!

– Sem vestido, seria igual!

– O que foi que disse, senhor Rafael?

– Ah, senhora! Perdoe-me. Eu quis dizer que com qualquer vestido. Seria bela... como... a mãe!

– Oh! Capaz! Já passei da idade! Augusto, corra para a sala! Venha conhecer o noivo de Hosana! Desculpa, senhor Rafael, é um homem tão atarefado!

– Ah, sim. Compreendo.

– Ele não precisará vir. Estamos já de saída, não é Rafael?!

– Estamos?

– Decididamente!

Ausentaram-se.

O vestido andava sem seu corpo, e o paletó de Rafael também. Corriam felizes para chegarem o mais rápido para o baile.

– Hosana, o que acha destas? Está me ouvindo?

– Ah, sim! Acho excelente!

Ambos ficaram retrógrados.

Hosana virou as costas para Rafael, que desabotoou delicadamente seu vestido. Os botões prateados brilhavam de alegria. O perfume soou pelo ar, como melodia de uma valsa. Ela desprende os cabelos, que se soltaram parecendo ondas pacíficas. Deslizaram sobre as costas. Rafael aproximou-se e sentiu o aroma dos fios rubros.

Hosana virou-se, Rafael ficou admirando a beleza daquela juventude. E não conseguia engolir o ar que insistia em entrar nos pulmões, senão ficaria afogado em si. Ou afogado naquelas ondas vermelhas. Ela sorriu envergonhada. Retirou o paletó. Desabotoou a camiseta dele, suavemente. Nesta etapa, ambos já estavam com os rostos unidos como ímãs. Os lábios se encontraram. Beijaram-se. Nus.

Rolaram sobre o leito delicadamente...

– Hosana! Venha almoçar.

Respirações, a pele, o aroma, a afobação. O gosto daquilo tudo, impregnado na garganta, nos ouvidos, no seu semblante. Chorou.

– O que foi, Hosana? No que está pensando? Estou tão preocupada com você. Todos os dias olhando pra esta janela.

– Acredita que ele ainda voltará?

– Acredito.

Hosana levantou a face corada e úmida de lamúrias. Esboçou um sorriso, foram jantar.

Parei de contar as estrelas, não por preguiça. Mas por serem poucas demais. A vida é muito mais cheia de si, do que eu cheia dela. Enquanto caminho sobre um sol que mal meus olhos enxergam, crio uma música de última hora, para acalantar meu corpo que sente falta do seu cheiro.

– “Nesta tarde eu fui. Caminhar. Pra espantar a solidão. Da ausência tua... Da presença tua... Que não volta mais. É nestas horas que eu me lembro. Daquele ramo de flores. É nestas horas que eu me lembro. Que suas palavras são bem vindas. Feito como anjo. Pairando, em meu olhar. Nesta tarde eu fui caminhar. Pra

espantar a solidão. Da ausência tua... Da presença tua... Que não volta... Que não volta... Nem vai... Voltar”.

Naquela casa, de madeira branca e marrom, elas crucificaram seus nomes. Frearam no âmbito da glória. Foram contra as teses, e mortificaram o que achavam que fosse esperança. Ressuscitaram sua alma, caminharam sobre as águas, evidenciaram um nome apenas. Fez, de si, uma lembrança do passado. Fez, de si, um quadro de Monet. Santificaram o cárcere do rei, saíram pelas ruas, mais nuas do que poderiam imaginar. Os dias esculpidos por elas durante todas as noites, pontos sem retas e sem ângulos, perdidos, no espaço e sem fim definido.

Morreram milhões de vezes, e se obrigaram a voltar outras milhões. Marcharam sobre o fogo pra valorizar a água. Vermes para valorizar a rainha que cada uma possuía dentro de si. Fizeram, da janela, portas para um novo horizonte. E deixaram lá, não exclusivamente para apreciar, mas para se fazerem membro daquele conjunto. Reconheceram-se no espelho. Já não dormiam sozinhas, com temor da solidão. Encobriam-se, envolviam-se sobre si. Quando o medo de viver era volumoso, elas se acalentavam, uma a outra. Num abraço afetuoso e duradouro, sem necessidade da manta. Agasalhavam-se. E a janela aberta. Sempre.

– Boa Noite, Hosana.

– Boa Noite, Lísia.

CAPÍTULO 12

A face descoberta sentiu o ar frio embrenhar-se dentre as frestas da janela. Os galhos das árvores rangiam como se quisessem pronunciar alguma coisa. A sala estava íntegra. O quarto estava indigesto. A massa, sem entusiasmo, sentou-se sobre a bochecha de Hosana movendo-se, fleuma, por dentro do cobertor, invadindo todo seu espaço corpóreo. Sentiu tanto frio, que doeu. Um frio dolente. Refugiou-se, sua mania de fugacidade, para debaixo da manta. Os pontos fulgurantes, que se planavam diante dos olhos, à oscilação de suas mãos, pareciam pessoas tristonhas. Tentou compor um conto. Mas com os movimentos das mãos, mais consentia o ar açoitá-la. Espreitou. Lentamente foi abaixando o disfarce de seus olhos. Avistou um dormitório à sua espera. Na janela já se via que o dia estava vivo. Estávamos vivas. O que significava: um dia.

Apoiou-se na margem da cama, negligentemente, levantou-se. Seus pés esquadrinhavam um refúgio contra a agonia do frio, que os chicoteava como se já estivessem mortos. Foi até a janela, e viu Lísia recolhendo flores para o café da manhã. “Altiva”. Tanto ânimo inutilizado. Dias, colhendo as melhores flores, para só observá-las durante as refeições. “Nunca foram as melhores do dia”. Lísia, com um vestido cor laranja acinzentado. Um casaco marrom de lã, tão quentinho, abrigava os seus seios. Os pés vestidos por uma bota preta. E uma boina, para acalantar-lhe os pensamentos, dos indóceis das imaginações do frio.

– Bom dia, Hosana! Acordou tarde hoje. Estou lhe preparando uma ótima refeição. Dará magnitude apenas de vê-la! Vamos, apresse-se. Vista seu melhor vestido!

Hosana não havia concluído o despertar. Não estava unindo imagem e som. Acenou com as mãos, sonolenta e com muito frio. Segurou-se num abraço. Fechou a janela.

– Meu melhor vestido? Como poderia? Não tenho bons vestidos.

Colocou o primeiro que estava acessível. Bege com detalhes marrons. Com sua idade, não carecia de abusos, e muito menos repensar no que havia arrumado.

– Não se casou, Lísia?

Chiou. Ficou tão apreensiva, que se engasgou com o pedaço de pão que estava comendo. Passou tão mal, que Hosana precisou correr para o outro lado da mesa, pois ambas sentavam em oposição, e dar-lhe um pouco de café. Quando Lísia cessou as tosses, que por ventura estavam muito afoitas, Hosana sentou-se novamente em seu lugar antigo, e voltou-lhe a perguntar, de uma outra forma.

– Gasta tanto tempo colhendo flores nos jardins, parecendo que encontrará um companheiro no meio delas.

Lísia não quisera responder. Voltou-se para sua refeição e simulou que não tinha ouvido, ou não entendido a afirmação. Depois de um difuso silêncio, Hosana veio apanhar os pratos, enquanto Lísia retirava a toalha para chacoalhá-la na terra no fundo da casa. Neste instante, no qual Lísia colocava os pés para fora, virou-se para Hosana, e observou-a lavar a louça. Embora aquela superficialidade absorvente que transparecia sobre a tez de Hosana, ela era tão mulher que indescritivelmente possuía seios. E estava docemente ensaboando os pratos e os enxaguando como se fossem filhos. Uma senhora disposta à amamentação. Ficou tanto tempo admirando Hosana, que se perdeu nos afazeres. E foi pega.

Hosana virou-se para secar as mãos, e lá estava Lísia encostada na parede com a toalha entre as mãos.

– Que houve?

– Oh! Que dispersa! Fiquei pensando em tantas coisas, que... Mas, não se aflija com essas minhas futilidades, Hosana. Façamos o que deve ser feito.

Hosana secava entre os dedos. Retirou a aliança e deixou-a em cima da mesa.

– E o que deve ser feito?

Lísia deixou a toalha cair, correu perto de Hosana.

Beijou-a no rosto.

Hosana chorou no dia em que respirou. Foi difícil, mas tinha de fazer sozinha. Veio ao mundo marcando-o com lágrimas que nem sabia pronunciar. Sentiu-se apenas dolorida, e traída.

A vida viveu bem, num recinto pacato. Veio ao mundo bem antes de finir-se. Em seu primeiro passo, cansou-se. Deitou-se. Gostou das espinhas na face, e nunca as extraiu, pois levavam a um princípio de história de aprendizado, cuja cicatriz sempre levaria consigo.

A vida acostumou-se. Customizada. Escolheu o rosa para findar seus dias, e as cinzas nos arredores. Porém, o cinza abocanhou o rosa, e tudo que sobrou: as cinzas.

– Só temos isso pra comer?

A algazarra dos talheres. Exclusivamente os sons dos talheres. O Senhor Augusto tinha ocultado sobre o paradeiro do dinheiro de seu trabalho. Era a segunda semana, comendo, aparentando devorar uma substância amarela e gosmenta.

Olhou para o prato e lá estava. Tentou dialogar com a comida uma certa vez, para criar melhores vínculos, e tirar aquela detestável imagem que outrora tivera.

– Por que está afrontando a comida, Hosana?

– Eu não estou afrontando.

– Está sim. Coma imediatamente, antes que esfrie.

– Mas eu não irei comer.

– Então, qual pretexto de sentar nesta mesa?

– Estou criando vínculos com ela.

– Com quem?

– Com ela.

O Senhor levantou-se da mesa de súbito. Achou tudo uma tremenda falta de respeito. O braço esquerdo bateu com força sobre a mesa. A senhorita sua esposa, ficou aflita e parou de alimentar-se. A outra mão era o sinal provido de uma frase.

– Se não se sentar nesta mesa, com o propósito de alimentar-se, então, esqueça que tem uma família!

Seus braços apoiaram sobre a mesa. Sentou-se. Continuou no simulacro. Desde então, o simulacro esteve presença na sua vida, com tamanha proeminência. O simulacro pendia nas refeições, nos abraços, nos vestidos, nos sorrisos, e até no amor.

– Que susto. Achei que ia me...

– Não. Sinto-me tão decaída, Hosana. Nunca casei. E você aí. Lavando louça. Sendo tão mulher. Enquanto recolho flores inúteis no jardim. Fazendo papel de quê?

– De Lísia.

As duas sorriram. Hosana foi até o armário neste momento e pegou dois cigarros. As duas sentaram-se no jardim, e de história em história, começaram uma linhagem. Uma trilha sem ida, sem volta.

Pernilongos devoravam suas peles, e os grilos entravam com suas cantigas, anunciando que o fim da tarde havia chegado. Ambas, ao perceberem, calaram-se depois de uma gargalhada. Contemplaram o horizonte. Estava brilhante. Um terno moço dia. Que vivia mais que elas. Ousando no frio que estava muito mais disperso. Se pudesse dormiria ali. Solta para o vento. Seria uma longa conversa, e os cobertores envolvendo o corpo, e aquele quadro perfeitamente transfigurado nas pupilas dilatadas.

“Seria quase uma noite de núpcias”.

Respiraram o ar puro, que vinha das folhagens. E lentamente foram para dentro. Lísia olhou para o céu, fez um sinal da cruz e recolheu-se.

Fechou-se a passagem.

Não choveu, não fez calor, nem frio. O dia não estava. Era um dia recluso de si. Parecia que ele tinha se refugiado para debaixo das cobertas. E então: indefinição. Lísia não colheu flores. Hosana não tardou a acordar. Lísia não preparou uma bela refeição, e muito menos Hosana lhe perguntou algumas de suas milhares de dúvidas femininas. Não suportariam o dia se o vissem. Portanto, não o viveram. Estavam por estar, pois tinham que repassar a folha do calendário. Caso não o fizessem, aquela

imagem de um beija-flor mimando a rosa seria permanente. Não se recordam se dormiram. Nem se abriram os olhos. Apenas foi tão impensado o dia. Que durante esta mecanização, não necessitavam de pensamentos. E os fazia único, não divagando.

Quanto tempo, o tempo durou deste modo? Nunca se sabe ao certo. Lembrou-se da grama roçando o rosto. E foi mais ou menos assim. Nessa estação, vacúolos, somente seguiram a oscilação do capim. Quando as tocaram, despertaram para um dia completamente diferente. E o que fazia ser assim sendo? E se assim fosse? Seria sendo o dia, e assim seria?

Virou a folha. Até que enfim. Uma nova paisagem.

CAPÍTULO 13

Um carro vermelho jazia na entrada da casa. Lísia, que adormecera na cadeira da frente, despertou com o ronco do veículo. Assustou-se de principio, achando que fosse alguém, ou alguma coisa do governo. “Meu Santo Deus! Já estão começando a chacina, se é que o Brasil é digno para ter este tipo de coisa”.

Ergueu-se e ajeitou o vestido, que, um pouco amarrotado, não deixava de expor a sua beleza. Uma jovem saiu do automóvel. Os pés, perfeitos. Sapatos de camurça avermelhados, com pequenas pedrinhas de bronze. Lísia gritou pelo nome de Hosana, que apareceu em passo acelerado e estacionaram-se as duas na entrada esperando a senhorita deixar o transporte. Quando a jovem desceu. Lísia lembrou-se.

– Está enfadonha, heim Lísia! Não veio nem me receber, nem me retirar do carro!

– Manoela?!

Hosana estreitou a testa, e não entendeu definitivamente nada. Lísia ficou apreensiva, seu tórax subia e descia numa dificuldade incoerente.

– Quem é esta, Lísia?

Numa das mãos, jazia um cigarro, a outra ajeitava os cabelos, devido ao vento forte nas redondezas da vida rural. A moça tragou como se absorvesse leite materno. Assaz luminosa, e toda despojada. Libertou o ar, com tanta facilidade. Hosana engoliu uma grande quantidade de saliva neste momento. Pois a tamanha distração, a fez esquecer que tinha boca.

– Tanta imprudência. Estes rapazes de outrora. Só sabem lançar de si. Ora, garotas, não me venham perguntar o que seja isto. Receio que sejam adultas crescidas. Ninguém irá auxiliar-me com as bagagens?

– Desculpe-me senhora. Mas, não sabemos o que diz. E muito menos quem é. Portanto, trate de ficar onde está.

– Uau! Que desenvoltura! Fascinam-me moças assim. Como é o nome dela, Lísia?

– ... Hosana...

– Ora, Lísia. Irá dar barbante, para esta aparvalhada?! Pois trate de fulgurar daqui. Temos comida e um lar que cabe exclusivamente a duas pessoas.

– Que espirituosa!

A moça quase se debruçou para segurar o abdômen, de tanta risada que dera. Porém, o fazia com charme. Quase era uma etiqueta. Andou-se até as duas que se mantinham firmes na calçada que forrava a casa.

– Creio ter mais de uma cama (soltou o ar que tragava) nesta casa.

– Lísia nunca me falou de ti.

– Ora! Hosana. Saiba que eu deveria ser seu contexto predileto. Sabia?

– Como assim?

Lísia impacientou-se. Pegou no braço de Hosana e puxou-a para dentro de casa.

– Vamos Hosana. Deixe-a falando sozinha.

– Calmas lá, meninas! Ora! Vejo uma sujeita com temor do passado!

– Lísia, o que você fez? Quem é ela?!

– Duas amigas, um mistério. Que infeliz. Achei que tivesse contado, Lísia.

Lísia fora prostituta. E o nome nem era barato.

Hosana não vestiu a palavra. E queria tomá-la. Vê-la somente estaria de bom grado. Quantas pessoas tinham mentido para ela?

– Sua depravada!

Hosana olhou com derradeiro nojo para o semblante de Lísia, que de todas as formas tentava escondê-lo. Entrou na casa e bateu com força a porta, deixando as duas para fora.

– Não há nada do que enrubescer, Hosana! Ora! Que discussão tola. Lísia sempre fora a mais a santa.

CAPÍTULO 14

A árvore seria o leito da cerimônia. Uma cama aconchegante que milhares de pessoas buscavam. Nunca iria saber qual foi a reação do seu rosto depois da sua deixa. Nunca iria saber. Estava perante si. Congelada, pela brisa que viria açoitá-la, sucessivamente, trazendo as conversas perversas e os intrigantes momentos.

Não queria respirar, desta vez não teria nem o atrevimento de trazer-lhe o ar. Nem de viver.

Subiu os degraus mortíferos, enquanto seu vestido se enroscava nos galhos fortemente presos ao tronco. Puxou-o com eficácia e conseguiu a liberdade. Aquela simples vontade de poder. Nunca a ensinaram a ser. Apenas fazia os deveres que lhe impunham. Não a trancavam no quarto, mas o deixavam com as portas abertas para que todos que passassem vissem as cenas de aversão. Senhor Augusto colocando as mãos sujas por baixo do

vestido, e a fazendo sentir sórdida. Sussurrando palavras de afeição em seu ouvido com tamanho afoitamento. Viveu não por si. Mas por uma pessoa só. Nunca sentira amor por homem algum, aquele o amor que devotava era para... Hosana. Pura ternura, que sem relação alguma, se tornava mútua. Sentiu-a humana, amando-a.

Viveu para amá-la.

Passou a corda pelo pescoço e pelo galho mais forte da árvore. Chorava amedrontada, lembrando-se de como havia sido depravada. “Eu a amo, mas não amo a vida”. Abriu os braços e volitou como um anjo.

Há de saber que um dia poderia desvendar os tormentos daquela bucólica e afetuosa garota? Que se enrubescia sem mero esforço, em galanteio fino. Hosana a pendia sobre seus braços, mais um corpo que segurava. Olhou nos olhos de Lísia, tão branca agora, como sempre fora. As mãos delicadas pousando avulsas dispersas pelo chão. Hosana tremia.

Gargalhou alto. Tão alto, que Rafael seria capaz de escutá-la. Chorava olhando para Lísia, e abraçando-a, e rindo e chorando. Ria. Chorava. Chorava. Ria. Ria. Chorava. Chorava. Chorava. Ria. Chorava. Não chorava mais. Nem ria.

A moça despojada fugiu logo de manhã, quando soube da morte de Lísia. Olhou assustada para a face da defunta, sentiu tanto enjôo e repugnância, que vomitou, saiu cambaleando até o carro, limpou seus lábios e foi embora. O dia cheirava a ânsia que, mesmo chegando perto da boca, não saía. Ficava prensada ali, e aquela lágrima maldita, tão pequena, para tanta dor.

Hosana saiu correndo até a casa. Entrou na cozinha, abriu a gaveta de talheres, angustiada. Pegou uma faca. Lembrou-se e jogou-a no chão. Chorou tão alto que a casa moveu-se. Deitou-se no chão, observando o teto azul. “Como um céu, só me falta o anjo. Onde? Onde estará?” E resgatou a faca. Olhou para seu pulso.

– Ninguém é capaz de amar-me. Assim como ninguém é capaz de odiar-me. Ninguém vive o bastante. Nem o morre o bastante. Ninguém acaricia minhas mãos, porque tenho receio. Ninguém me açoita na escuridão, já que nunca entrei nela... Ninguém é ninguém, porque se faz de alguém que não é. E a vida me enclausura. DESGRAÇADA! Nesta cela, que mesmo que eu mude, estarei nela para sempre. Serei sua anfitriã, que sempre estará de garçom arrastando-me pelos pés, nos assoalhos de tijolos. Sangrando-me. DESGRAÇADA! DESGRAÇADA! DESGRAÇADA! MEU NOME É BARATO PORQUE NÃO

PAGUEI POR ELE. ERA ISSO ALVARO, ERA ISSO? SEU PARVO!

Cortou-se.

Quando abriu os olhos, estava no posto de saúde. Rafael transparecendo nos seus olhos.

– Como pode, meu anjo? São tantos de você. Tantos.

Marília, a enfermeira, olhava espantada para Hosana. A outra enfermeira estava sentada no sofá do quarto, também com o rosto muito abatido.

– Com quem ela fala?

– Não sei. Talvez seja algum parente. É melhor informarmos a alguém da família. Depressa!

A enfermeira saiu do cômodo. Marília foi até Hosana, e aconchegou as mãos nas suas, apertando-as contra o tórax. Respirou densamente, como se no quarto não tivesse ar suficiente para as duas.

Um rapaz moreno entrou no quarto, estava vestido de branco, certamente. Sinalizou para a enfermeira se afastar. Aproximou-se do rosto de Hosana.

– Álvaro?

– Hosana? Continua a mesma.

– Do que fala? Estou...

– Excêntrica, como sempre. As enfermeiras me disseram que você se automachucou. Por que fez isso no seu pulso?

– Eu não fiz.

– Não fez? Quem foi?

– Um fulano.

– Hosana, não havia ninguém na sua casa.

– Não é minha casa.

Hosana riu. Conseguiu sentar na beira da cama. Olhou sorrindo para Álvaro. Estava como sempre foi.

– O tempo parou em você.

– Veja como é engraçada a vida, Álvaro. Estava eu em casa, preparando um bolo, quando um fulano maluco adentrou, e machucou meu punho.

Hosana riu novamente como se fosse uma piada toda a história.

– Quando a vizinhança mais próxima conseguiu resgatar-me. E olha, estou eu aqui com você, novamente. Que engraçado!

Hosana ria, e agora as lágrimas consentiram descer os porquês. Queria voltar pra cama e permanecer lá. Dormir e sonhar, nunca mais acordar. Abrir os olhos, enxergar um clarão a que nunca se deu permissão de avistar. Álvaro declinou a cabeça, e chorou também. Levou os braços para a cabeça, e sentou-se na poltrona do lado. Hosana encolheu-se como um feto sobre a cama do hospital.

– Diz-me.

Álvaro levantou a cabeça, com os olhos vermelhos.

– Não há nada lá. Não há nada, eu fui.

Estreitou a boca, como se estivesse bem. Tremia um pouco, como se fosse um tique nervoso. Que já fazia parte da sua loucura elucidada. Esboçou um sorriso, olhou para Álvaro com ternura, voltou a deitar normalmente sobre a cama. Com dificuldades de falar, pois não tinha voz. Era um momento que não precisava de palavras. Mas tinha de oferecê-las, antes que morresse engolida por elas, e...

– Por favor,... (respirou) Traga-me... Um cobertor, e...
Feche a porta... Só não... A janela. Não feche...

Álvaro desatou a soluçar, como um menino. Abriu a vidraça, e o vento mergulhou alastrando por todo o cômodo, violento. Como se já o estivesse aguardando. Virou-se para Hosana.

– E bonita...

Soluçou alto, ausentou-se e fechou a porta brandamente.

A saliva penetrou em sua garganta, e engasgou-se. Tossia, envenenada.

Somos todos porque temos medo de sermos um.

Essa frustração que me frustra. Não importando o tamanho da comida em meu prato, mas o tamanho da minha fome. Eu não cheguei lá, pois sabia que chegaria a lugar-nenhum. E talvez seja justamente este o recinto que percorro. Caminhando como saci, exalando a natureza, como futura cara-metade, e estudando-a como se a estivesse enamorando.

– Cla-ra! Não ande de tal modo. Não vê que é perigoso?

CAPÍTULO 15

E meia-volta, e volta e diz, e fala, e reclama. E volta-e-meia, e gira, e pula, e canta. E volta inteira, e gesticula, e pertuba, e renomeia. E sem voltas, e amortece, e entorpece, inútil. “Desnecessária”. Estendia as roupas no varal que dava para o jardim. Aqueles tecidos molhados que beijavam as mãos como lágrimas de queixa. E o sol que era sol, não aparecia. “E sol lá tira folga?”. Se ele ao menos se refrescasse. No entanto, não pode. Deve ostentar sua obrigação de sol. Em período chuvoso, talvez tudo que ele precise, é de sol. Muito mais de sol do que todos nós precisamos. Contemplou por minutos o tempo nublado, o nevoeiro encobrendo os olhos. Precisava fazer alguma coisa. Deixou as roupas dentro da vasilha azul sobre a grama. Iria recomeçar. Pelas unhas. Unhas bem-feitas. A tarde seria formidável. Tolerou o peso da barriga, sobre a alma. Cultivava-a.

O domingo prosperou-se numa segunda-feira, aquele ar de brisa adentrando as poltronas da casa marrom e branca. Hosana estava sentada no sofá tomando seu chá. “Saboroso!”. Neste dia todas as mulheres se encontravam naquela sala. Importante e fundamental, se deixar pelo sofá da casa. Estender sobre o tapete aqueles milhares de presentes. Enquanto parentes e vizinhos ficavam ao seu redor, com batons e rendilhas sobre as mãos, prontos para abrumá-la da forma como desejassem.

– Está errado!

Postavam-se lhe borrar a face enquanto, desajeitada, ia Tateando o próximo presente e tentando desvendar sem querer saber qual seria a cilada subsequente. Do lado direito, estavam sentadas as senhoras já com netos, logicamente, dando-se a falar sobre eles.

– Pollyanna comeu o primeiro pedaço de carne ontem!

– Quando fomos ao médico, Heloisa começou a chorar, e danei-me a chorar juntamente com ela. Odeio vê-las chorar. Temos de chorar com elas.

– Ah! Pegue ela, Nilda! Não vê? Está assustada em busca dos seus braços! Não vá deixando com estranhos!

E estranhavam-se.

As senhoras da esquerda trocavam receitas, enquanto uma imatura jazia numa cadeira ao lado de uma dona com alto grau de massa e o quadril maior do que o assento poderia consentir. Perdida entre elas empunhava uma caderneta, e se postava a anotar todas as palavras ditadas para oferecer as convivas.

– 300g. de presunto...300g. de mussarela.

– E como faço para levar ao forno?

– Encha de água até cobrir todo o macarrão. Deixe por 20 minutos e já estará finalizado! Na panela é maravilhoso, estou lhes afirmando!

– Em 20 minutos? Que agilidade! Irei fazer semana que vem. Meu esposo chegará de viagem. Será que não posso fazer com pedaços de peito de frango desfiados?

– Não ficará bom. Enjoará fácil.

– Anote tudo! Anote tudo. Da maneira como ela diz, menina! Está me ouvindo?

– Estou anotando.

– São 20 minutos. Contudo, depende muito da dimensão da panela.

Prostrou-se a anotar essa admirável advertência no rodapé da receita. Seus dedos já dolentes, de tanto fazer cópias do mesmo em outras folhas da caderneta.

Imediatamente, Heloisa emburrou-se por não estar no colo da mãe, já que o havia oferecido a Pollyanna, essa estava assaz entretida com seu pequeno chocalho de bolinhas coloridas. Carlinhos levou a mão direita para a boca, enquanto sua mãe tentava reeducá-lo, para não o fazê-lo. O restante das crianças admirava o volume dos presentes, e o que poderia estar dentro de cada um. Com seus laços pelas tranças, sapatos azuis, amarelos e vermelhos. Vestidos rendados, babados e tecidos frescos. Pois o calor os açoitava naquela tarde.

Algumas senhoras untuosas simulavam gestos com os braços durante a conversa, para mantê-los ventilados.

– Errou novamente!

E borravam-lhe a cara.

Neste instante, cabelos cacheados segurados pela tiara vermelha. Vestido branco com bordado rubro, e sapatos. Mãos

volumosas branquinhas, nutridas. Olhar veloz, distante e fúgitivo. Pollyanna. Resgatou o chocalho, e tateou com tamanha concentração que pouco lhe importara o resto. As moças casadas discorriam sobre...

– E eu sucessivamente digo a elas! Sempre há a sua hora.

– Quando sentimos que estão maduras! Que lhes arranje um namorado!

– Nem sempre escolhem um bom parceiro, é preciso ficar de olho. Estes pais desnaturados!

Pollyanna permanecia ilesa, tentando entender o porquê de o vermelho estar em cima da bolota amarela, e a laranja ausente da azul, calculando essa abscissa, recomeçando a trança de memorização, quando perdia as cores sobre os olhos...

– Eu e Armando fugimos quando tínhamos 12 anos! Imagine, que loucura!

– Nunca que deixaremos que isso ocorra!

– Minha filha, percebo que tem o dom para culinária. Será uma excelente dona de casa! Esposa. Ah, que felicidade!

A abscissa se tornava um alvo. A vermelha poderia ter um sentido para conservar-se sempre perto da preta. Enquanto a

amarela se instalava ao lado da branca. Mesmo que o azul se sentisse um pouco acanhado e então optava pela distância do rosa, que estava do outro lado do ramo do chocalho...

– Minha filha será escritora, eu sinto que ela tem o dom pra arte.

– E que dom tem sua filha, Hosana?

– De filha.

E borraram-lhe.

Quando aqueles sons insuportáveis da fome abrigavam os estômagos, avisavam. Era muito tarde. Todas cheias de conversas e famintas. As tias e parentes de Hosana passavam com pratos de aperitivos delirantes. Muito bem feito. “Arrebatador”.

A adolescente, agora mais tranqüila, deliciava-se conflituosa. Assim que conseguia um salgado, chegava outro mais sedutor, e não tinha tempo de devorar o anterior, logo sumiam as bandejas daquele salgado inovador.

Finalmente Hosana levantou-se.

– Nada de muitos agradados, minhas queridas! Queria apenas agradecer-lhes por estarem presentes. Afinal, uma filha é sempre bem-vinda a todas nós, mulheres. E parabenizá-las. Não viria

passar esta festa diante de todas, caso não fosse de meu agrado. Portanto, agradeço redondamente. Acredito que Clara também ficará lisonjeada com tantos presentes magníficos!

Pollyanna prosseguia na abscissa.

E borraram-lhe.

Clara era uma filha ajuizada. Certamente que sim. Nunca nasceu. Nunca deu trabalho algum. Nunca respirou, nunca precisou fazer um parto. Nem sentiu a dor dele. Nunca ouviu o som do grito dela. Nunca a sentiu em seus braços. Nunca acalentou nenhuma miúda menina num abraço. Nunca a amamentou. Nunca sequer sentiu leite em seus seios. Nunca se sentiu rechonchuda. Nunca sentiu anseio de comer pela boca de duas. Nunca teve hérnia. Nunca passou talco. Nunca sentiu cheiro de criança pela casa. Nunca sequer ficou grávida. Hosana.

E estranharam-se.

Clara brincava no jardim da casa. Ao longe, gritou:

– Mãe!

– Sim!

– Encontrei os porquês!

– Como assim encontrou os porquês?

Subiu o restante de cimento que ficava defronte a casa, onde tinha uma cadeira de balanço, Hosana sentada. Descalça, com as mãos cheias de terra. Acima do vestido um avental azul.

– Está na hora de se limpar, Clara.

– Não, não está. Não terminei de calcular o que quero.

– E o que deseja calcular?

– Quantas flores nascerão amanhã.

Sentou-se no colo da mãe, com uma certa dificuldade.

Hosana encostou seu queixo no ombro de Clara e sentiu aquele aroma de criança, que poderia brincar o resto da tarde, e estaria limpa, pura. As mãos alvas, sujas de terra, aquele rostinho repleto, olhos negros e sua face cor de rosa. Apontou para o jardim.

– E quantas flores nascerão amanhã, Clara?

– Creio eu que serão dezessete.

– Por que dezessete?

– Porque gosto do número.

– Por quê?

– O um parece um homem. Enquanto o 7 uma mulher.
Então seria um perfeito casal.

– Por quê?

– Mamãe! Eu que sou dona dos porquês.

No dia seguinte, nasceram 17 flores.

A casa estava desabitada, não por estar sozinha. Entretanto, por estar mais plena do que de costume. As duas brincavam no jardim, contando as rosas, e encontrando as abscissas. Hosana corria, tentando resgatar Clara. Que gargalhava, rolando ao chão, quando essa a encontrava.

Ambas se deitaram sobre as rosas, e ficou difícilimo enxergar. As rosas estavam altas, e cobriam-nas como o cobertor da noite. “Existiam quatro tempos para um dia. As Manhãs, Tardes, Rosas e Noites”. Não se sabia qual era a criança, e qual era o adulto. Simplesmente, eram mãe e filha.

Quando se chegava à noite, Clara se postava aos pés de Hosana, com diversas canetinhas.

– Mamãe, olha o que lhe fiz!

E lá estava um rabisco sobre a folha na cor vermelha.

– Por que estou vermelha?

– Mamãe, este é o seu cabelo. Ainda não terminei o desenho.

– E não irá terminar?

– Não. Assim já está natural.

– Por quê?

– De novo, você me tomando as falas!

E riam-se.

Quando as rosas terminavam, era preciso que Hosana dormisse com Clara. Que se assustava a qualquer minuto, com múltiplos ruídos e visões.

– Mãe, será que sou biruta?

– Como assim? Maluquice?

– Sim.

– Claro que não.

– Mas se afirmo que vejo pessoas e ouço vozes...

– São coisas de crianças. Quando chegar à minha idade isso cessará.

– Cessou pra você?

– Não.

E choraram.

Sozinha em meio aos cobertores estava mais fria que a noite lá fora. Neste baque, uma coruja piou alto e a pequena distância da vidraça.

– Posso pintar o mundo, com minhas mãos?

– Pode.

– Como faço isso?

– Pegue uma folha.

– Não. Quero o mundo.

– Por isso mesmo, pegue uma folha.

Se descobriam as abscissas, não sei descrever. Porém passavam dias e dias tentando encontrá-las.

Altivo. O dia se despencava lá fora, enquanto sua jovialidade e felicidade flamejavam dentro de si. O sol poderia não estar presente. No entanto era sol. E o dia não estava lá fora. No entanto estava dentro dela. Carregou uma caixa de lápis de cor, e saiu pintando o mundo lá fora.

Quinta-feira. Hosana estagnou-se defronte a pia, na cozinha. Os feijões dispersos sobre um pano com desenho de florzinhas. Ela os ia escolhendo, cautelosamente. Ou seriam os feijões que escolhiam Hosana? Nesta submissão, sem saber qual era o dominador ou o dominado. Iam colhendo frutos indesejáveis.

– Por que separa os bons dos ruins? O que tem demais neste aqui?

Clara se pôs nas pontas dos pés para poder enxergar os feijões em cima da pia. Apontou seu dedo indicador para um pequeno grãozinho que tinha vergonha de si. Encolhido numa amplitude calamitosa, enrugado e parecendo novo e ao mesmo tempo cansado desta jovialidade.

– Porque é preciso.

– E por que é preciso distingui-los?

– Para não se confundir com eles.

– Quais?

– Os ruins.

– É fácil se confundir com os ruins? Quais tipos de feijões nós somos, mamãe?

– Os ruins...

Um som estrondoso saltou de fora, próximo do jardim. Clara logo foi entretida e esquecendo-se da resposta da mãe, saiu disparada para fora, querendo desvendar o barulho.

– Tome cuidado.

– Sua mãe lhe dizia isso.

– E lhe repito.

– Por que, mãe? Por que o repete?

– Porque se deve repetir.

Hosana, então, jogou o restante dos feijões no lixo, do lado esquerdo da pia. Inclinou-se diante da janela para ver se sua visão encontrava Clara. Mas não a achou. Seus olhos então repousaram no seu próprio reflexo que a vidraça da janela refletia. Olhou para as suas unhas, rebaixando o olhar, e sentiu-se imunda. Havia substância semelhante a barro por debaixo da película da unha. Além de parecer sem forma e sem cor.

Não haveria quem salvasse Hosana do inferno em que se encontrava. Sua herança era aquela sensação de vazio misturado com o próprio vazio. E sentiu-se estranhamente incomodada quando, mesmo avistando-o, se recordava de sua

mãe. Aquela mãe feminina, estilo de mulher educada e forma viável de ser mulher. Bateram palmas.

CAPÍTULO 16

Uma janela com cortinas azuis até se parecem como parte do céu que se decompôs em dois lados, mas sem quina. Nunca gostara muito da cor azul, não que fosse contra, mas nunca sequer ocorreu alguma atração por ela.

“Que tempo”, pensou ao se espreguiçar no quarto. Durante quantas horas permaneceu dormindo no hospital? Não o sabia. Abriu os olhos e por segundos achou que estivesse em seu antigo quarto, de cuja janela se poderia ver as pessoas como formigas. Levantou-se e abriu o céu em quatro. Não, daquela janela as pessoas eram elefantes.

“Acaso Álvaro teria sido uma visão, ou realmente estive neste cômodo?” Já não sabia diferenciar dito do popular. Olhou para seu pulso, e ele estava enfaixado, as lágrimas escorreram ao

se lembrar de todo o ocorrido, lamentou-se e foi logo dizendo naquele instante: “não sei onde Erasto via asas em mim...”

A porta do hospital se abriu, Rafael adentrou o aposento com um buquê de rosas entre as mãos.

– O ar se volta, e não encontra pulmões.

– Hosana!

Ela se atira aos braços de seu marido como nunca, roçando sua orelha contra o pescoço dele, poderia já entender toda a vida, e toda a imensidão do universo, naquele abraço. Sentiu o cheiro de seu paletó, e suavemente com os lábios foi beijando seu pescoço até ir de encontro à sua boca. Ternamente os dois se amaram num quarto de hospital. Não havia nenhum corte que os pudesse impedir, nenhum sangue que contrariasse a cena.

Deitados sobre o chão, envolto em um cobertor, Rafael dizia:

– Mesmo que você fosse mil mulheres, eu a amaria.

– Mas eu sou, não sou? Eu jurava que fosse, meu querido Rafael.

Assim nessa posição, nos braços de seu esposo, Hosana sentia profundo amor maternal, seria algo natural das mulheres. Ia refletindo sobre isso, enquanto suas mãos sentiam vontade de carregá-lo no colo, e segurar suas mãos ao atravessarem as ruas.

– Rafael, você é único. Odiava-te por ser assim.

– E ainda odeia?

– Não, o ódio que sinto é tão longe, é como se estivesse em minha atmosfera, não atinge meu planeta, fica na superfície. Mas consigo enxergá-la porque consigo enxergar-me.

– Entendo, querida.

– Sei que me entende. É melhor nos arrumarmos, quero sair logo deste hospital, retomar minha vida, e descobrir um segredo.

– Que segredo você tem de descobrir? – disse Rafael, levantando Hosana e colocando suas roupas.

– Não parece óbvio? Eu não vivi até hoje. Em todos os momentos da vida, os únicos que me foram úteis eu os descartei como cartas inúteis de baralho, que nunca soube jogar.

De esguelha, ele sorriu.

Não, não faria diferença ter visto Álvaro no hospital, se ele fora verdadeiro ou não. O grande mistério não era sua aparição, não estava acostumada a enxergar as coisas como elas realmente eram. De início, poderia ser complicado, e deveras penoso. Porém estava disposta a arrancar os olhos dos olhos.

Não, não estava costumada a enxergar gente verdadeira, com carne e osso, mas estava disposta a se tornar de carne e osso, para que assim pudesse entender o que é viver.

Na manhã de segunda-feira, já havia esquecido todas as promessas do dia anterior. “Quero ficar dormindo para sempre”, pensou ela na sua nova casa, enquanto Rafael já ia saindo de casa em busca de algum emprego merecedor.

Enquanto via apenas seu pé avermelhado debaixo dos lençóis, tentava entender o porquê de tanta malevolência, o porquê de tanta duplicidade da alma, ou seria do corpo? Já sentia repulsa por ter dormido com Rafael, e tudo o que desejava era permanecer encolhida na cama, a esquecer todo o dia que antecedeu o novo dia.

Tentava esquecer lembrando-se do ontem, da sua forma vulgar, do seu corpo contra o dele, sentiu raiva e tormento.

Não sentia nojo de si, mas sentia que daquela forma, aquele rosto, não era pra ela, não era. É como pegar um médico e lhe dar algum trabalho de pedreiro, ou mesmo colocar alguém que canta na banheira para cantar em palcos. Suas duas coisas distantes, pensava, “talvez isso seja ser mulher, talvez isso seja ser Hosana”.

Eu não sei dizer o que Hosana fez do seu resto do dia. Ela não me contou, nem contou a si mesma. Talvez tenha permanecido na cama durante toda a tarde, se matando, pois bem sabia que suas enxaquecas seriam terríveis, caso dormisse mais do que 8 horas. Talvez tenha ido passear, não sei o que poderia ela admirar, já que via a cidade como tão pequena, que, acaso piscasse, perderia a história de toda a gente que ali vivia.

Éster apareceu no quarto com seus ruivos cabelos presos por uma presilha branca. Apesar do sorriso de avó, Hosana acordou assustada.

– O que faz você aqui?

Sua tia sentou-se na ponta da cama.

– Eu moro aqui, querida Hosana. Ou já se esqueceu da pobreza em que Rafael e você se encontram?

– Não, não me esqueci. Não se esquece da pobreza. É como esquecer de comer quando se tem fome.

– Que bom que sabe, está mais consciente. O que os médicos andaram fazendo com sua cabeça antes de...

Hosana cortou a conversa, fechando bruscamente a boca de Éster com sua mão direita.

As estrelas daquela noite estavam magníficas, radiantes, embora a leve neblina escondesse a imagem verdadeira das coisas, reflete Rafael enquanto observava o céu, “o que estaria Hosana fazendo agora?”.

Uma coruja soa tanto quanto um morcego. Continuou olhando para o céu. Embora voltasse para sua casa, vinha se redimindo, imaginando milhões de possibilidades em fracassar no casamento, “o que será que ela pensa agora?”, ela que sempre fora excêntrica, seria quase impossível desvendar o que estaria Hosana pensando nesse instante, e mesmo que ele soubesse, de nada serviria. Pois saber os pensamentos de Hosana é como entender a metafísica das coisas, de todo o universo, do mundo, das pessoas e animais. Recordava-se de quando discutiram no carro, e enquanto Hosana apenas observava o volante do carro parado, Rafael pensava apenas em

beijá-la e abraçá-la, ou diria alguma coisa admirável, uma dessas frases feita de mel e eucalipto para sua esposa, porém sempre quando o fazia, Hosana por dentro se enfurecia, por simpatia continuava ileso, ao menos achava ela que aparentemente não demonstrava essas sensações de raiva e desprezo nesse instante, e dizia logo, “querido, você não compreende, somos diferentes, você acredita nas minhas palavras, entretanto eu não”, e voltasse a olhar a marca do volante.

Ah, seus 50 anos já não lhe permitiam interrogar todas essas questões, deliberava, colocando de volta o chapéu e sacudindo a cabeça. Tinha uma certa veemência e admiração pelas estrelas, que, ao contemplá-las, retirava o chapéu, ou talvez fosse apenas porque atrapalhasse a visão. Mas se recordava ele, muito bem, certamente que sim, sua idade não lhe dava alternativas, a não ser aceitar o chão que o céu pisa e seguir para casa.

Logo adiante, avistou Lázaro atravessando a Rua Bernardo Soares, acenou de leve, mas ele não havia enxergado, portanto gritou alto, pois andar uma hora dessas pelas ruas era um crime. Todos voltando ao seu ninho.

– Lázaro! Espere.

Então, virou-se e ambos foram caminhando entre as estrelas dançantes a dialogar.

– Estrelas radiantes, não é mesmo Rafael?

– Sem dúvida, Lázaro.

Rafael ria como um menino que nunca tinha visto Deus. Era essa a sensibilidade dele, que Hosana obtém, sorrindo de uma forma como se tudo o que visse fosse sempre pela primeira vez. Uma criança.

– Cadê Lísia? – Perguntou Éster em pé, cinicamente, enquanto Hosana se prostrava sentada na cama.

“Seria uma faca, isso? Alguma faca de açougue? Estou morta e ninguém sequer teve a audácia de avisar-me?”, pensou Hosana, enquanto observava o tapete de formas geométricas em que Éster pisava.

– Você prefere o rosa ou o azul? – indaga Hosana.

– Por que me pergunta isso?

– É o seu prêmio, por sair vitoriosa do seu jogo. Não há mais nada o que fazer aqui, nada. O que tem para aprender, Éster? Já está livre de todos nós, vá! Morra e deixe que os pecadores vivam a pagar suas dívidas em paz neste mundo.

– E como se vive em paz no inferno?

A face de Lísia, mais pálida do que nunca estivera naquele dia. Os olhos abertos, “como alguém morre esquecendo-se de fechar os olhos? Como penso nisso agora mesmo, lembrando-me de Lígia nos meus braços?”. Tudo o que recordava era do semblante suave daquela menina que a amava e nunca tivera coragem de contar-lhe. Seria ela a culpada? Quem seria culpada? Haveria alguma culpa em toda a história?

“Já estamos chegando ao final para haver arrependimentos?”.

Seus pés começaram a tremer, e o corpo o acompanhava num trepidar sem fim. A faca... Pontos pretos... O sangue... Gramas são mais verdes no verão?... Deus que acendeu a mão?... Se ao menos Clara existisse... Barriga... Eu não estou com fome, ela faz esses barulhos, ela está dialogando com o mundo... Não sei o que ela diz, eu não falo a língua dela...

Lázaro e Rafael entraram no quarto escuro, se assombraram com Hosana deitada feito caracol sobre o tapete geométrico e Éster já não se encontrava mais no cômodo.

Bocas falantes sem som algum. Bocas flutuantes com pardais sobrevoando o espaço, um rinoceronte tocando gaita para um cisne que admirava o mar, e que morreu asfixiado como narciso, enforcado?

CAPÍTULO 17

— **E**sta seria a verdade mais crua que qualquer ser humano pudesse ocultar em seu cérebro, assegurava Úrsula, servindo chás às convivas em sua casa. As saias de rendas rosadas, verdes e marrons, combinavam com aquele ambiente neutro, decorado com cores terra em diversas tonalidades. Úrsula, irmã de Lázaro, era uma mulher exemplar, sempre seguindo à risca o emprego de mulher da época. Cuidava assiduamente de sua casa e, temerosa de que as conhecidas copiassem algo de sua decoração ou roupa, ela os mandava confeccionar, totalmente originais.

— Há de se ter um cérebro maior, mais potente do que todos os calibres que existem, conversava Cecília, achando um absurdo uma mulher ter desperdiçado sua vida em tão pouco

tempo, “e o nome da família está arruinado, aquela insignificante!”, cogitava mexendo mais uma vez seu chá.

– Ela consegue chamar mais atenção que a guerra, continuava a moça, indignada com tal episódio. Embora Walquiria permanecesse quieta, apenas olhando as convivas argumentarem, em seu interior entendia Hosana, “vida tão sofrida a dela”.

– Não podemos esquecer que perdeu seus pais tão cedo – defendia ela.

Todas se aquietaram, tanto que Cecília e Úrsula se sentaram mais na ponta de suas poltronas. A primeira descansou a colher da xícara na bandeja, olhando ameaçadora, como quando mãe olha porque se faz algo de censurável, enquanto a outra movia a colher mais uma vez na infusão.

– Ao menos não somos Hosana, finalizou Úrsula, levando a xícara à boca, como um animal rugindo pela última vez na mata espessa, e assim sendo, patroa da floresta, sua derradeira palavra deveria ser ao menos escutada. E com um rápido trocar de olhares, todas já acanhadas para argumentar qualquer outra opinião, retornaram sua concentração a agitar

mais uma vez as ervas do chá, como se aquilo fosse diluir as esfinges similares ao pó sobre água.

Eu não sei se posso asseverar que estou bem. Acredito ter perdido o senso de filantropia em mim. A cratera que todos escondem por debaixo de qualquer lua, todos vêem visivelmente, e é presente em mim. Todo mundo contraiu de mim o que é seu, e foram embora, deixando-me sem ter o que oferecer, nem onde depositar o que um dia poderia receber. Ainda que se entretivesse com todos esses devaneios, havia sim, formosura e benevolência no mundo, mas para quê? Aí que ingressa o subterfúgio abandonado do universo.

Que doce de menina, pensou.

Mamãe tem fábrica, mas não tem funcionário.

Que doce de menina, pensou.

Mamãe é jarra, mas não aprecia bebidas.

Trocaria ela para o ramo de comidas?

Que doce, doce de menina, pensava mamãe, ao me ver no berçário...

Cantarolava Hosana em meio ao desvario, e adormeceu tão célere quanto um recém-nascido que toma leite pela primeira vez no seio da mãe, entorpecida... Sonolenta.

CAPÍTULO 18

— **E**u não acredito em todas essas coisas!
Saiu colérico Rafael, quebrando um luxuoso vaso de decoração do escritório da doutora Selena. Não obstante toda raiva, Hosana, sentada na cadeira, observando seu cônjuge sair velozmente, sorriu discretamente, pensando, “ao menos foi impulsivo pela primeira vez em toda a sua vida, seria isso ser?”.

No entanto, percebendo o sorriso, Selena olhou delicadamente para Hosana, e seguiu dialogando com ela.

A secretária, assustada, correu para amparar o vaso, mas não foi possível, vários estilhaços se dispersaram pela sala da recepção. Rafael, que estava já quase atravessando a Avenida Oliveira, voltou-se, retirando o chapéu e foi, depressa, pedindo desculpas a Tatiana, ajudando-a a recolher os pedaços e a

colocá-los no lixo. Assim que terminaram de limpar o local, ele garantiu que iria pagar o vaso assim que pudesse, enquanto Tatiana o olhava com desprezo, pensando apenas que isso seria descontado do seu salário, que já era mínimo. Ao sentir que estava sendo observado pelos demais presentes na sala de espera, Rafael olhou-os e, cada um se pôs a inventar alguma coisa a fazer. Alguns liam o jornal ou revistas, outros avistavam a rua pela janela ou mesmo observavam o quadro de uma fazenda antiga sobre a parede azul. Sentindo o ar de desaprovação dos convivas, resolveu sentar na ponta mais distante do sofá.

O telefone tocou e Tatiana foi atender.

– Clínica da Doutora Selena, quem fala? (...) Ah sim, Noélia. Claro que me recordo. Mas sinto muito, não temos mais horários até o final deste mês. (...) Eu entendo, porém não posso fazer nada. (...) Vou falar com a Doutora, assim que ela terminar de atender a paciente e lhe retorno mais tarde, pode ser? (...) Boa tarde.

“Que grosseria”, pensava Marília, sentada, fingindo olhar o quadro da parede azul, que nada tinha de peculiar,

todavia sua orelha jazia atenta a qualquer ranger do sofá, conforme os pacientes se moviam.

– Mas que moça jovem para estar nessa clínica. As adolescentes hoje em dia, reclamam de qualquer problema, não acha? – finalmente quebrou o silêncio a senhora Quitéria, que possuía em torno dos seus 70 anos.

Marília olhou para ela, e disse:

– Também acho. Na minha época, poucas vezes eu chegava a freqüentar uma clínica como essa.

E tornou a olhar o quadro da parede, fazendo com que todos os presentes também voltassem seus olhos para o quadro. Rafael, que conservava seu chapéu entre as mãos, no seu colo, lembrou-se da sua casa diante aquela obra artística, e apurando mais sua interpretação, chegou à conclusão de que era “muito parecido com Lísia a moça que colhia flores no quadro, no entanto um pouco triste, por não ter para quem entregá-las”.

Hosana saiu pela porta e Tatiana chamou o nome de Marília, e esta, mal ouvindo a secretária, foi adentrando o consultório em passo acelerado. Rafael e Hosana atravessaram, afinal, a avenida, com um suspiro de alívio da recepcionista.

“Incomodam-me pessoas humildes”, pensou ela fechando a entrada e olhando-os pela porta de vidro.

– Que engraçado, num instante sentia que nem me tinha, comentou Hosana, ao chegaram à outra extremidade da rua.

A água é algo memorável, suponho. Pois desde sempre o mundo nos coloca em águas.

– E o que gera as ondas? – Perguntou Úrsula, sentada no sofá da casa de Éster.

– Nós mesmos. – responde Hosana.

– Há! Que hilária essa garota, gargalhou Úrsula, ao ouvir a resposta da mulher de Rafael, pois é assim que as mulheres se tornam depois de casadas, mulher-de-alguém, mulher de. Antes era jovem-para, agora mulher-de, depois, de que mais irão apelidar as mulheres? Enquanto isso, os homens se tornam maridos, no entanto, homem-de, não soa estranho? De onde será que tiramos esses pensamentos – refletiu Hosana, ao olhar um porta-retrato com uma fotografia sua e de Rafael.

– E quando terão filhos?

“Que desvairada, me perguntar se terei filhos!”

- Quem sabe, em breve.
- Ah, seria ótimo. E com relação à sua briga com Éster?
- Ela sentiu pena de mim e foi-se embora do quarto.
- Aquela é coração mole, isso sim.
- Não, é sangue frio mesmo.

Úrsula se espantou com tal afirmação, arregalou os olhos e gargalhou mais uma vez e disse:

- Mas que excêntrica é você Hosana, um exemplo vivo.
- Se eu não existisse, a palavra seria a mesma, e você não seria a excêntrica? Eu gosto dessa palavra. Sinto-me elogiada. Tenho de aprender a lidar com tudo isso. Sou apenas o que muitas mulheres não têm coragem de ser.

- Ah! Você acha mesmo? E por que pensa dessa forma?
- Quanto tenho sono, durmo, quando tenho sede, bebo. É simples assim. E a isso as pessoas chamam de excêntrico? Ah, devo confessar, essa palavra é ótima. Maravilhosa, tem um som tão agradável. Lígia também amava a citação.

A dama, sentindo-se encurralada, despediu-se, colocando o café sobre a mesa da sala, e retirou-se somente com um aceno, dizendo adeus, pedindo para mandar lembranças a Rafael e Éster. Nisso, os olhos de Hosana saltaram como raposa, flutuando sobre o vento, o tapete florido, a renda do trilho da mesa da sala, seu sapato de camurça e o laço, a ponta do seu vestido, o sofá de couro esverdeado, o quadro de Lígia na parede... Suavemente sedutora. “Ela conseguia ser um lado meu”, deixou uma gota escorrer pelos olhos e assustou-se, fazia muito tempo que as lágrimas não vinham visitá-la. Quão dóceis podem ser aquelas mãos, mesmo realizando um trabalho rígido. Mesmo sendo homem. Tem ali algum enxame jorrando mel constantemente. Ao menos aos meus olhos, são como mel.

CAPÍTULO 19

Se aquele seria um caminho, ninguém poderia afirmar muita coisa. “Tenho de me concentrar na mudança”, refletindo sobre isso, já imaginando como seria a mobília de sua casa.

Os chás, dessa vez, se mantinham à mesa, as moças pareciam não estar tão sedentas em diluir problemas. O dia se havia recomposto, a cor do céu íngreme. Algumas pessoas se detiveram fora da casa a observar a paisagem, o quão bonita era. Marília e Úrsula se perguntavam onde poderia Hosana ter comprado aquelas toalhas de mesa singelas por demais, porém, para a dona da casa, eram mais lindas que as flores do campo.

– Esse enfeite é por demais bizarro não acha? - concordou discretamente com a cabeça Cecília.

O senhor Dalton, novo amigo de Rafael, discorria sobre política e religião, e reconhecia, ainda que completamente

reservado e tendo imensa estima pelo Rafael, que Hosana era uma mulher muito interessante, havia em seus olhos amendoados qualquer coisa de enigmático e curioso.

– Está apreciando sua nova casa, Hosana?

Virou-se sorridente, pois estava a conversar com sua doutora Selena, cordialmente.

– Creio que sim, Dalton! E você, a aprecia?

– Singela e confortante, uma casa.

– Linda consideração, Dalton! Você é o único que tem olhos nesta casa, além de mim?

Selena juntou-se ao círculo das palavras e foi logo dizendo:

– Eu também possuo olhos. Todos possuem, mas pena que alguns utilizem para outras coisas.

– Somos loucos, sim – pestanejou Hosana.

– De que está enferma Hosana? E de que trata esta doutora? – perguntou Dalton, quase em sussurro, quando Selena saiu para dialogar com Rafael.

Porém, Hosana não fez da conversa algo enigmático, falando em alto e bom som:

– Ora Dalton, todos somos doentes! Às vezes do pé, às vezes da mão. Como pode me dizer que todos os aqui presentes, em minha casa, ou mesmo no mundo, não possuem ou nunca possuíram qualquer doença?

E, virando-se, foi receber os convivas que estavam adentrando a porta de sua casa.

Os panos brancos costumam ser apenas brancos o suficiente de sua brancura, realizando seu papel de cor, empregando sua exata essência, quando estão úmidos no varal. Naquele instante o branco e o vento, as roupas, e as meias, possuem hábito de fazer parte do quebra-cabeça do ar atmosférico. As gramas do mesmo modo são mais verdes após o dilúvio. Tudo o que é, é o dobro depois de uma chuva, uma vez que ela possui essa particular inquietação em evidenciar todos os elementos do espaço, até mesmo o feio é outra vez feio depois da chuva, tão ridículo que acaba se tornando belo.

Seria um pássaro pousando sobre as roupas? Um pássaro bege com tantos dedos quanto penas? Beijando as

roupas como um beija-flor visita as rosas do campo. Seriam mãos colhendo flores do jardim?

– Ah, esse tempo é realmente quente por aqui! Mas o inverno costuma ser intenso. Você gosta do frio? – indagou Paloma, a nova vizinha que auxiliava Hosana a estender as roupas.

Concentrada no afazer, Hosana sorriu apenas para ser simpática, pois não tinha ouvido o que Paloma houvera dito. Por um instante, seus olhos, agora feitos coelhos, do prendedor para a bacia, da bacia para a roupa, da roupa para o varal, prendia... Do prendedor para a bacia, da bacia para a roupa, da roupa para o varal, prendia... Uma colina? Logo à frente? Do prendedor para a colina, da bacia para a colina, da roupa para a colina, prendia... C...

– O que está colina faz aqui?

Dessa vez, foi Paloma quem desatou a gargalhar tão profundamente, que teve de colocar as mãos sobre a barriga para que o riso não saltasse para fora, como se tivesse ouvido algo de muito rotineiro, algo de muito familiar. Pois a verdadeira graça das coisas é saber que já se fez a mesma pergunta.

– Que coisa! – disse ela retomando o fôlego – Hosana, estamos do outro lado da colina. Só você para fazer uma pergunta como essas.

Colina, colina, colina, às vezes um prendedor, e algumas roupas, mas era muito mais colina que ocupação, era muito mais montanha que sopro, muito mais colina que olho, que boca, que corpo, muito mais colina que qualquer.

Ainda séria, Hosana levou sua mão direita ao bolso do seu avental e retirou um impresso e leu: “felicidade”.